

Quando um educador toca o coração de seus filhos

A arte de ser como Dom Bosco: “Lembre-se de que a educação é uma coisa do coração e que somente Deus é o seu mestre, e não seremos capazes de ter sucesso em nada a menos que Deus nos ensine a arte dela e nos dê as chaves para ela”. (MB XVI, 447)

Caros amigos, leitores do Boletim Salesiano e amigos do carisma de Dom Bosco. Escrevo-lhes esta saudação, diria quase ao vivo, antes que este número vá para o prelo.

Digo isso porque a cena que vou lhes contar aconteceu há apenas quatro horas.

Cheguei recentemente a Lubumbashi. Nos últimos dez dias estive visitando presenças salesianas muito significativas, como os deslocados e refugiados em Palabek – hoje em condições muito mais humanas do que quando chegaram até nós, graças a Deus – e de Uganda passei para a República Democrática do Congo, para a região torturada e crucificada de Goma.

A presença salesiana ali é cheia de vida. Várias vezes eu disse que meu coração estava “tocado” (touché), ou seja, comovido ao ver o bem que está sendo feito, ao ver que há uma presença de Deus, mesmo na maior pobreza. Mas meu coração foi tocado pela dor e pela tristeza quando conheci algumas das 32.000 pessoas (a maioria idosos, mulheres e crianças) que estão abrigadas nos terrenos da presença salesiana de Dom Bosco-Gangi.

Mas falarei sobre isso na próxima vez, porque preciso deixar isso descansar em meu coração.

O “pai” dos meninos de rua de Goma

Agora, quero apenas mencionar uma bela cena que presenciei no voo que nos levou a Lubumbashi.

Era um voo extracomercial em um avião de tamanho médio. Mas o comandante era uma pessoa conhecida, não por mim, mas pelos salesianos locais. Quando cumprimentei o capitão no avião, ele

me disse que havia estudado sua formação profissional em nossa escola aqui em Goma. Disse-me que foram anos que mudaram sua vida, mas acrescentou algo mais, dizendo-me e dizendo-nos: e aqui está aquele que tem sido um “pai” para nós.

Na cultura africana, quando se diz que alguém é pai, está se dizendo algo extremo. E, não raro, o pai não é a pessoa que gerou o filho ou a filha, mas a pessoa que de fato cuidou, apoiou e acompanhou o filho ou a filha.

A quem o comandante, um homem de cerca de 45 anos, com seu filho piloto, agora jovem, acompanhando-o no voo, estava se referindo? Ele estava se referindo ao nosso irmão salesiano coadjutor (ou seja, não sacerdote, mas leigo consagrado, uma obra-prima do carisma salesiano).

Esse salesiano, o irmão Honorato, um missionário espanhol, é missionário na região de Goma há mais de 40 anos. Ele fez de tudo para tornar possível essa escola profissionalizante e muitas outras coisas, certamente junto com outros salesianos. Ele conheceu o comandante e alguns de seus amigos quando eles eram apenas garotos perdidos na vizinhança (ou seja, entre centenas e centenas de garotos). De fato, o comandante me contou que quatro de seus companheiros, que estavam praticamente na rua naqueles anos, conseguiram estudar mecânica na casa de Dom Bosco e agora são engenheiros e cuidam da manutenção mecânica e técnica dos pequenos aviões de sua empresa.

O “sacramento” salesiano

Bem, quando ouvi o comandante, um ex-aluno salesiano, dizer que Honorato tinha sido seu pai, o pai de todos eles, fiquei profundamente emocionado e pensei imediatamente em Dom Bosco, a quem seus rapazes sentiam e consideravam como seu pai.

Nas cartas do P. Rua e de Dom Cagliero, Dom Bosco é sempre chamado de “papai”. Na noite de 7 de dezembro de 1887, quando a saúde de Dom Bosco se deteriorou, o Padre Rua simplesmente telegrafou a Dom Cagliero: “Papai está em um estado alarmante”. Uma velha canção dizia: “Viva Dom Bosco, nosso pai!”

E pensei em como é verdade que a educação é uma questão do coração. E confirmei entre minhas convicções que estar presente entre meninos, meninas e jovens é para nós quase um “sacramento” por meio do qual também nos aproximamos de Deus. Por isso, ao longo dos anos, falei com tanta paixão e convicção aos meus irmãos e irmãs salesianos e à família salesiana sobre o “sacramento” salesiano da presença.

E sei que no mundo salesiano, na nossa família em todo o mundo, entre os nossos irmãos e irmãs há tantos “pais” e tantas “mães” que, com a sua presença e o seu afeto, com o seu conhecimento da educação, chegam aos corações dos jovens, que hoje têm tanta necessidade, eu diria cada vez mais, dessas presenças que podem mudar uma vida para melhor.

Saudações da África e todas as bênçãos do Senhor para os amigos do carisma salesiano.

Deus abençoe a todos vocês.

São Francisco de Sales estudante universitário em Pádua (2/2)

[\(continuação do artigo anterior\)](#)

Medicina

Juntamente com as faculdades de direito e teologia, os estudos de medicina e botânica gozavam de extraordinário prestígio em Pádua, especialmente depois que o médico flamengo André Vesálio, o pai da anatomia moderna, desferiu um golpe mortal nas antigas teorias de Hipócrates e Galeno com a prática de dissecar o corpo humano, o que escandalizou as autoridades estabelecidas. Vesálio havia

publicado seu *De humani corporis fabrica [da organização do corpo humano]* em 1543, que revolucionou o conhecimento da anatomia humana. Para obter cadáveres, os corpos dos executados eram solicitados ou os mortos eram desenterrados, o que não acontecia sem provocar as disputas, às vezes sangrentas, dos coveiros.

No entanto, várias constatações podem ser feitas. Em primeiro lugar, sabe-se que, durante a grave doença que o prostrou em Pádua no final de 1590, ele decidiu doar seu corpo para a ciência, se morresse, e isso para evitar brigas entre os estudantes de medicina que pretendiam procurar cadáveres. Será que ele aprovava o novo método de dissecação do corpo humano? De qualquer forma, ele parecia incentivá-lo com esse gesto tão discutido. Além disso, é possível detectar nele um interesse permanente por problemas de saúde, médicos e cirurgiões. Há uma grande diferença, ele escreveu, por exemplo, entre o bandido e o cirurgião: “O bandido e o cirurgião cortam os membros e fazem o sangue fluir, um para matar, o outro para curar”.

Também em Pádua, no início do século XVII, um médico inglês, William Harvey, descobriu as regras da circulação sanguínea. O coração realmente se tornou o autor da vida, o centro de tudo, o sol, como o príncipe em seu Estado. Embora o médico inglês só tenha publicado suas descobertas em 1628, é possível supor que, na época em que Francisco era estudante, essa pesquisa já estava em andamento. Ele mesmo escreveu, por exemplo, que “*cor habet motum in se proprium et alia movere facit*”, ou seja, que “o coração tem dentro de si um movimento que lhe é próprio e que faz todo o resto se mover”. Citando Aristóteles, ele afirmará que “o coração é o primeiro membro que vive em nós e o último que morre”.

Botânica

Provavelmente durante sua estada em Pádua, Francisco também se interessou pelas ciências naturais. Ele não poderia ignorar o fato de que na cidade havia o primeiro jardim botânico, criado para cultivar, observar e fazer

experimentos com plantas nativas e exóticas. As plantas eram ingredientes da maioria dos medicamentos e seu uso para fins terapêuticos baseava-se principalmente em textos de autores antigos, nem sempre confiáveis. Possuímos oito coleções de *Similitudes* de Francesco, provavelmente compiladas entre 1594 e 1614, mas cuja origem pode ser rastreada até Pádua. O título dessas pequenas coleções de imagens e comparações tiradas da natureza certamente manifesta seu caráter utilitário; seu conteúdo, por outro lado, atesta um interesse quase enciclopédico, não apenas no mundo vegetal, mas também no mineral e animal.

Francisco de Sales consultou os autores antigos, que em seu tempo gozavam de uma autoridade indiscutível sobre o assunto: Plínio, o Velho, autor de uma vasta *História Natural*, verdadeira enciclopédia da época, mas também Aristóteles (autor da *História dos Animais* e da *Geração dos Animais*), Plutarco, Teofrasto (autor da *História das Plantas*) e até Santo Agostinho e Santo Alberto Magno. Ele também conhecia autores contemporâneos, em particular os *Comentários a Dioscórides* do naturalista italiano Pedro André Mattioli.

O que fascinava Francisco de Sales era a misteriosa relação entre a história natural e a vida espiritual do homem. Para ele, escreve A. Ravier, “toda descoberta é portadora de um segredo da criação”. As virtudes particulares de certas plantas são maravilhosas: “Plínio e Mattioli descrevem uma erva que é salutar contra a peste, cólicas e pedras nos rins, convidando-nos a cultivá-la em nossos jardins”. Ao longo dos muitos caminhos que percorreu durante sua vida, nós o vemos atento à natureza, ao mundo ao seu redor, à sucessão das estações e seu misterioso significado. O livro da natureza lhe parecia uma imensa Bíblia que ele tinha de aprender a interpretar, e é por isso que ele chamava os Padres da Igreja de “herboristas espirituais”. Quando exercia a direção espiritual de pessoas muito diferentes, ele se lembrava de que “no jardim, cada erva e cada flor requerem cuidados especiais”.

Programa de vida pessoal

Durante sua estada em Pádua, uma cidade onde havia mais de quarenta mosteiros e conventos, Francisco recorreu novamente aos jesuítas para sua direção espiritual. Enfatizando, como é apropriado, o papel de liderança dos jesuítas na formação do jovem Francisco de Sales, deve-se dizer, entretanto, que eles não foram os únicos. Uma grande admiração e amizade o uniu ao P. Filipe Gesualdi, um pregador franciscano do famoso convento de Santo Antônio de Pádua. Ele frequentava o convento dos Teatinos, onde o P. Lourenço Scupoli vinha de tempos em tempos para pregar. Lá ele descobriu o livro intitulado *Combattimento spirituale* (Combate Espiritual), que lhe ensinou a dominar as inclinações da parte inferior da alma. Francisco de Sales “escreveu não poucas coisas”, afirmou Camus, “das quais descobri imediatamente a semente e o germe em algumas passagens do referido *Combate*”. Durante sua estada em Pádua, ele também parece ter se dedicado a uma atividade educacional em um orfanato.

Sem dúvida, foi devido à influência benéfica desses professores, em particular do P. Possevino, que Francisco escreveu várias regras de vida, das quais sobreviveram fragmentos significativos. A primeira, intitulada *Exercício da Preparação*, era um exercício mental a ser realizado pela manhã: Escreveu: “Vou me esforçar, por meio dele, para me preparar para tratar e cumprir meu dever da maneira mais louvável”. Consistia em imaginar tudo o que poderia lhe acontecer durante o dia: “Portanto, pensarei seriamente nos imprevistos que podem me acontecer, nas companhias onde posso ser obrigado a intervir, nos eventos que podem me ocorrer, nos lugares onde as pessoas tentarão me persuadir a ir”. E aqui está o objetivo do exercício:

Estudarei diligentemente e buscarei as melhores maneiras de evitar erros. Assim, disporei e determinarei em mim mesmo o que será conveniente que eu faça, a ordem e o comportamento que terei de manter nesta ou naquela circunstância, o que será oportuno dizer em companhia, o comportamento que terei de

observar e o que terei de fugir e desejar.

Na *Conduta particular para passar bem o dia*, o aluno identificou as principais práticas de piedade que pretendia realizar: orações matinais, missa diária, tempo de “descanso espiritual”, orações e invocações durante a noite. No *Exercício do Sono ou Descanso Espiritual*, ele especificava os assuntos nos quais deveria concentrar suas meditações. Ao lado dos temas clássicos, como a vaidade deste mundo, a detestação do pecado, a justiça divina, ele havia reservado um espaço para considerações, com um sabor humanista, sobre a “excelência da virtude”, que “torna o homem belo interiormente e também exteriormente”, sobre a beleza da razão humana, essa “tocha divina” que espalha um “esplendor maravilhoso”, bem como sobre a “sabedoria infinita, onipotência e bondade incompreensível” de Deus. Outra prática de piedade era dedicada à comunhão frequente, sua preparação e ação de graças. Há um avanço na frequência da comunhão em comparação com o período parisiense.

Quanto às *Regras para as Conversas e os Encontros*, elas são de particular interesse do ponto de vista da educação social. Contêm seis pontos que o aluno se propôs a observar. Em primeiro lugar, era preciso fazer uma distinção clara entre simples encontros, em que “a companhia é momentânea”, e “conversas”, em que a afetividade entra em jogo. No que diz respeito aos encontros, lê-se esta regra geral:

Jamais desprezarei ou darei a impressão de evitar completamente o encontro com qualquer pessoa; isso poderia dar motivo para parecer altivo, soberbo, severo, arrogante, condenador, ambicioso e controlador. [...] Não tomarei a liberdade de dizer ou fazer qualquer coisa que não se encaixe na medida, para não parecer insolente, deixando-me levar por uma familiaridade fácil demais. Acima de tudo, tomarei cuidado para não machucar, ferir ou zombar de ninguém [...]. Respeitarei cada um em particular, observarei a modéstia, falarei pouco e bem, para que os companheiros retornem a um novo encontro com

prazer e não com tédio.

Com relação às conversas, um termo que na época tinha um significado amplo de conhecimento habitual ou companheirismo, Francisco era mais cauteloso. Ele queria ser “amigo de todos e familiar de poucos”, e sempre fiel à única regra que não permitia exceção: “Nada contra Deus”.

Quanto ao resto, ele escreveu: “Serei modesto sem insolência, livre sem austeridade, gentil sem afetação, ceder sem contradição, a menos que a razão sugira o contrário, cordial sem dissimulação”. Ele se comportaria de maneira diferente com superiores, iguais e inferiores. Sua regra geral era “adaptar-se à variedade de companhias, mas sem prejudicar a virtude de forma alguma”. Ele dividia as pessoas em três categorias: os impetuosos, os livres e os fechados. Ele permanecerá imperturbável diante de pessoas insolentes, será aberto com pessoas livres (ou seja, simples e acolhedoras) e será muito prudente com pessoas melancólicas, muitas vezes cheias de curiosidade e suspeita. Com os adultos, por fim, ele se obrigará a ficar em guarda, a lidar com eles “como com fogo” e a não se aproximar demais. É claro que se poderia testemunhar a eles sobre o amor, porque o amor “gera liberdade”, mas o que deve predominar é o respeito que “gera modéstia”.

É fácil ver o grau de maturidade humana e espiritual que o estudante de direito havia alcançado até então. Prudência, sabedoria, modéstia, discernimento e caridade são as qualidades que saltam aos olhos em seu programa de vida, mas há também uma “liberdade honesta”, uma atitude benevolente para com todos e um fervor espiritual incomum. Isso não o impediu de passar por momentos difíceis em Pádua, dos quais talvez haja reminiscências em uma passagem da *Filoteia* em que ele afirma que “um jovem ou uma senhorita que não se comporte bem na fala, no jogo, na dança, na bebida ou no vestuário com a indisciplina de uma companhia debochada será ridicularizado e zombado pelos outros, e sua modéstia será chamada de fanatismo ou afetação”.

Retorno à Saboia

Em 5 de setembro de 1591, Francisco de Sales coroou todos os seus estudos com um brilhante doutorado *in utroque jure*. Ao despedir-se da Universidade de Pádua, partiu, segundo ele, “daquela colina em cujo cume, sem dúvida, habitam as Musas como em outro Parnaso”.

Antes de deixar a Itália, era apropriado visitar esse país tão rico em história, cultura e religião. Com Déage, Gallois e alguns amigos da Saboia, eles partiram no final de outubro para Veneza, depois para Ancona e para o santuário de Loreto. Seu destino final era chegar a Roma. Infelizmente, a presença de bandidos, encorajados pela morte do Papa Gregório XIV, e também a falta de dinheiro não permitiram que eles fizessem isso.

Em seu retorno a Pádua, ele retomou o estudo do *Código* por algum tempo, incluindo o relato da viagem. Mas no final do ano de 1591, ele desistiu por causa do cansaço. Era hora de pensar em retornar à sua terra natal. De fato, o retorno à Saboia ocorreu no final de fevereiro de 1592.

São Francisco de Sales estudante universitário em Pádua (1/2)

Francisco foi para Pádua, cidade pertencente à República de Veneza, em outubro de 1588, acompanhado de seu irmão cadete Gallois, um garoto de 12 anos que estudaria com os jesuítas, e de seu fiel tutor, P. Déage. No final do século XVI, a faculdade de direito da Universidade de Pádua gozava de uma reputação extraordinária, superando até mesmo a do famoso Studium de Bolonha. Quando proferiu seu *Discurso de*

Agradecimento após sua promoção a doutor, Francisco de Sales teceu seus elogios em forma ditirâmbica:

Até aquele momento, eu não havia dedicado nenhum trabalho à santa e sagrada ciência do Direito: mas quando, depois, decidi me dedicar a esse estudo, não tive absolutamente nenhuma necessidade de procurar para onde me voltar ou para onde ir; esse colégio de Pádua imediatamente me atraiu por sua celebridade e, sob os auspícios mais favoráveis; de fato, naquela época, tinha doutores e professores tão célebres como nunca teve e nunca mais terá.

Independentemente do que ele possa dizer, é certo que a decisão de estudar direito não partiu dele, mas lhe foi imposta por seu pai. Outros motivos podem ter jogado a favor de Pádua, como a necessidade que o Senado de um estado bilíngue tinha de magistrados com uma cultura dupla, francesa e italiana.

Na pátria do humanismo

Atravessando os Alpes pela primeira vez, Francisco de Sales pisou na pátria do humanismo. Em Pádua, ele pôde admirar não apenas os palácios e as igrejas, especialmente a basílica de Santo Antônio, mas também os afrescos de Giotto, os bronzes de Donatello, as pinturas de Mantegna e os afrescos de Ticiano. Sua estadia na península italiana também permitiu que ele conhecesse várias cidades artísticas, em especial Veneza, Milão e Turim.

No nível literário, ele não poderia deixar de estar em contato com algumas das produções mais famosas. Será que ele tinha em suas mãos a *Divina Comédia* de Dante Alighieri, os poemas de Petrarca, precursor do humanismo e primeiro poeta de seu tempo, as novelas de Boccaccio, fundador da prosa italiana, *Orlando furioso* de Ariosto ou *Jerusalém libertada* de Tasso? Sua preferência era pela literatura espiritual, em especial a leitura atenta de *Combate Espiritual*, de Lorenzo Scupoli. Ele reconheceu com modéstia:

“Acho que não falo um italiano perfeito”.

Em Pádua, Francisco teve a sorte de conhecer um jesuíta ilustre, o P. Antônio Possevino. Esse “humanista errante da vida épica”, que havia sido encarregado pelo papa de missões diplomáticas na Suécia, Dinamarca, Rússia, Polônia e França, fixou residência permanente em Pádua pouco antes da chegada de Francisco. Ele se tornou seu diretor espiritual e guia em seus estudos e conhecimento do mundo.

A Universidade de Pádua

Fundada em 1222, a Universidade de Pádua era a universidade mais antiga da Itália depois de Bolonha, da qual era um desdobramento. Ela ensinava com sucesso não apenas direito, considerado como a *scientia scientiarum* [ciência das ciências], mas também teologia, filosofia e medicina. Os cerca de 1.500 alunos vinham de toda a Europa e nem todos eram católicos, o que às vezes gerava preocupações e agitação.

As brigas eram frequentes, às vezes sangrentas. Um dos jogos perigosos favoritos era a “caça aos paduanos”. Francisco de Sales um dia contaria a um amigo, João-Pedro Camus, “que um estudante, depois de golpear um estranho com uma espada, refugiou-se com uma mulher que descobriu ser a mãe do jovem que acabara de assassinar”. Ele mesmo, que não circulava sem uma espada, um dia foi envolvido em uma briga por colegas estudantes, que julgaram sua gentileza como uma forma de covardia.

Tanto os professores quanto os alunos apreciavam a proverbial *patavinam libertatem* [liberdade de Pádua], que, além de ser cultivada na busca intelectual, também incitava um bom número de alunos a “agitar-se”, entregando-se à boa vida. Mesmo os discípulos mais próximos de Francisco não eram modelos de virtude. A viúva de um deles contaria mais tarde, em sua linguagem pitoresca, como seu futuro marido havia encenado uma farsa de mau gosto com alguns cúmplices, destinada a jogar Francisco nos braços de uma “prostituta miserável”.

O estudo do direito

Para obedecer a seu pai, Francisco dedicou-se corajosamente ao estudo do direito civil, ao qual queria acrescentar o do direito eclesiástico, que o tornaria um futuro doutor *in utroque jure [em direito civil e eclesiástico]*. O estudo da lei também envolvia o estudo da jurisprudência, que é “a ciência por meio da qual a lei é administrada”.

O estudo se concentrou nas fontes do direito, ou seja, no antigo direito romano, coletado e interpretado no século VI pelos juristas do imperador Justiniano. Ao longo de sua vida, ele se lembraria da definição de justiça, lida no início do *Digesto*: “uma vontade perpétua, forte e constante de dar a cada um o que lhe pertence”.

Examinando os cadernos de Francisco, podemos identificar algumas de suas reações a certas leis. Ele está de pleno acordo com o título do Código que abre a série de leis: *Da Soberana Trindade e da Fé Católica*, e com a defesa que vem logo em seguida: *Que ninguém deve ter permissão para discutilas em público*. “Esse título”, observou ele, “é precioso, eu diria sublime, e digno de ser lido com frequência contra reformadores, sabichões e políticos”.

A educação jurídica de Francisco de Sales se baseou em um fundamento que parecia inquestionável na época. Para os católicos de seu tempo, “tolerar” o protestantismo não poderia ter outro significado senão o de ser cúmplice do erro; daí a necessidade de combatê-lo e por todos os meios, inclusive os previstos pela lei em vigor. Em nenhuma circunstância era possível se conformar com a presença da heresia, que aparecia não apenas como um erro no nível da fé, mas também como uma fonte de divisão e perturbação no cristianismo. Na ânsia de seus vinte anos, Francisco de Sales compartilhava essa visão.

Mas essa ânsia também tinha rédea solta sobre aqueles que favoreciam a injustiça e a perseguição, pois, com relação ao Título XXVI do Livro III, ele escreveu: “É tão preciosa quanto o ouro e digna de ser escrita em letras

maiúsculas a nona lei, que diz: Que os parentes do príncipe sejam punidos com fogo se perseguirem os habitantes das províncias”.

Mais tarde, Francisco apelaria para aquele que ele designou como “nosso Justiniano” para denunciar a lentidão da justiça por parte do juiz, que “se desculpa invocando mil razões de costume, estilo, teoria, prática e cautela”. Em suas aulas sobre direito eclesiástico, ele estudou a coleção de leis que usaria mais tarde, em particular as do canonista medieval Graciano, entre outras coisas para demonstrar que o bispo de Roma é o “verdadeiro sucessor de São Pedro e chefe da Igreja militante” e que os religiosos e religiosas devem ser colocados “sob a obediência dos bispos”.

Consultando as anotações manuscritas feitas por Francisco durante sua estada em Pádua, chama a atenção a caligrafia extremamente caprichada. Ele passou da escrita gótica, ainda usada em Paris, para a escrita moderna dos humanistas.

Mas, no final, seus estudos de direito devem tê-lo entediado bastante. Em um dia quente de verão, diante da frieza das leis e de seu distanciamento no tempo, ele escreveu, desiludido, o seguinte comentário: “Como esses assuntos são antigos, não parecia proveitoso dedicar-se a examiná-los neste clima canicular, que é quente demais para lidar confortavelmente com discussões frias e arrepiantes”.

Estudos teológicos e crise intelectual

Embora dedicado ao estudo do direito, Francisco continuou a se interessar pela teologia. De acordo com seu sobrinho, quando chegou a Pádua, “ele começou a trabalhar com toda a diligência possível e colocou na estante de seu quarto a *Summa* do Doutor Angélico, Santo Tomás, para que pudesse tê-la diante dos olhos todos os dias e consultá-la facilmente para entender outros livros. Ele gostava muito de ler os livros de São Boaventura. Adquiriu um bom conhecimento dos Padres latinos, especialmente dos “dois brilhantes luminares da Igreja”, “o grande Santo Agostinho” e São Jerônimo, que

também eram “dois grandes capitães da Igreja antiga”, sem esquecer o “glorioso Santo Ambrósio” e São Gregório Magno. Entre os Padres gregos, ele admirava São João Crisóstomo “que, por causa de sua sublime eloquência, foi elogiado e chamado de Boca de Ouro”. Ele também citava com frequência São Gregório de Nazianzo, São Basílio, São Gregório de Nissa, Santo Atanásio, Orígenes e outros.

Consultando os fragmentos de anotações que chegaram até nós, ficamos sabendo que ele também lia os autores mais importantes de seu tempo, em particular o grande exegeta e teólogo espanhol João Maldonado, um jesuíta que havia estabelecido com sucesso novos métodos no estudo dos textos das Escrituras e dos Padres da Igreja. Além do estudo pessoal, Francisco pôde fazer cursos de teologia na universidade, onde o P. Déage estava preparando seu doutorado, e se beneficiar da ajuda e dos conselhos do P. Possevino. Sabe-se também que ele visitava com frequência os franciscanos, na Basílica de Santo Antônio.

Sua reflexão se concentrou novamente no problema da predestinação e da graça, a ponto de encher cinco cadernos. Na realidade, Francisco se viu diante de um dilema: permanecer fiel às convicções que sempre foram suas ou ater-se às posições clássicas de Santo Agostinho e Santo Tomás, “o maior e incomparável doutor”. Agora ele achava difícil “simpatizar” com uma doutrina tão desanimadora desses dois mestres, ou pelo menos com a interpretação atual, segundo a qual os homens não têm direito à salvação, porque ela depende inteiramente de uma decisão livre de Deus.

Em sua adolescência, Francisco havia formado uma visão mais otimista do plano de Deus. Suas convicções pessoais foram reforçadas após o aparecimento, em 1588, do livro do jesuíta espanhol Luís Molina, cujo título em latim *Concordia* resumia bem a tese: *Concordia do Livre Arbítrio com o Dom da Graça*. Nessa obra, a predestinação no sentido estrito foi substituída por uma predestinação que levava em conta os méritos do homem, ou seja, suas boas ou más ações. Em outras palavras, Molina afirmou tanto a ação soberana de Deus quanto

o papel decisivo da liberdade que ele concedeu ao homem.

Em 1606, o bispo de Genebra teria a honra de ser consultado pelo papa sobre a disputa teológica entre o jesuíta Molina e o dominicano Domingo Báñez sobre a mesma questão, para quem a doutrina de Molina concedia autonomia demais à liberdade humana, sob o risco de comprometer a soberania de Deus.

O *Teótimo*, publicado em 1616, contém no capítulo 5 do livro III o pensamento de Francisco de Sales, resumido em “quatorze linhas”, que, segundo João Pedro Camus, lhe custou “a leitura de mil e duzentas páginas de um grande volume”. Com um esforço louvável para ser conciso e exato, Francisco afirmou tanto a liberalidade e a generosidade divinas quanto a liberdade e a responsabilidade humanas no ato de escrever essa frase de peso: “Cabe a nós sermos dele: pois, embora seja um dom de Deus pertencer a Deus, é um dom que Deus nunca recusa a ninguém; pelo contrário, Ele o oferece a todos, para concedê-lo àqueles que, de bom coração, consentirem em recebê-lo”.

Apropriando-se das ideias dos jesuítas, que, aos olhos de muitos, pareciam “inovadores” e que os jansenistas, com Brás Pascal, logo taxariam como maus teólogos, como laxistas, Francisco de Sales enxertou sua teologia na corrente do humanismo cristão e optou pelo “Deus do coração humano”. A “teologia salesiana”, que se baseia na bondade de Deus, que quer a salvação de todos, também se apresentará com um convite premente à pessoa humana para responder com todo o “coração” aos apelos da graça.

[\(continua\)](#)

Maravilhas da Mãe de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora (6/13)

[\(continuação do artigo anterior\)](#)

Capítulo IX. Batalha de Lepanto.

Tendo assim exposto alguns dos muitos fatos que confirmam, em geral, como Maria protege os braços dos cristãos quando lutam pela fé, passemos a outros mais particulares que deram à Igreja razão para chamar Maria pelo glorioso título de *Auxilium Christianorum* [Auxílio dos Cristãos]. A principal delas é a batalha de Lepanto.

Em meados do século XVI, nossa península gozava de certa paz quando uma nova insurreição vinda do Oriente veio para causar confusão entre os cristãos.

Os turcos, que estavam estabelecidos em Constantinopla há mais de cem anos, lamentavam que o povo da Itália, e particularmente os venezianos, possuíssem ilhas e cidades no meio de seu vasto império. Portanto, começaram a pedir aos venezianos a ilha de Chipre. Diante da recusa, pegaram em armas e, com um exército de oitenta mil soldados a pé, três mil cavalos e uma artilharia formidável, liderados por seu próprio imperador Selim II, sitiaram Nicósia e Famagusta, as cidades mais fortes da ilha. Após uma defesa heroica, essas cidades caíram em poder do inimigo.

Os venezianos, então, apelaram ao Papa para que viesse em seu auxílio para lutar e diminuir o orgulho dos inimigos do cristianismo. O romano pontífice, que na época era São Pio V, temendo que, se os turcos saíssem vitoriosos, trariam desolação e ruína entre os cristãos, pensou em recorrer à poderosa intercessão daquela que a Santa Igreja proclama tão terrível quanto um exército ordenado para a batalha: *Terribilis ut castrorum acies ordinata*. Portanto, ele

ordenou orações públicas para toda a cristandade: apelou ao rei Filipe II da Espanha e ao duque Emanuel Filiberto.

O rei da Espanha montou um poderoso exército e o confiou a um irmão mais novo conhecido como D. João da Áustria. O duque de Saboia enviou de bom grado um número seleta de homens valentes, que se uniram ao restante das forças italianas e foram se juntar aos espanhóis perto de Messina.

O confronto com o exército inimigo ocorreu perto da cidade grega de Lepanto. Os cristãos atacaram os turcos galhardamente; os turcos resistiram ferozmente. Todos os navios viraram repentinamente em meio a redemoinhos de chamas e fumaça e pareciam vomitar relâmpagos de uma centena de canhões com os quais estavam armados. A morte tomou todas as formas, os mastros e as cordas dos navios, arrebatados pelas balas de canhão, caíam sobre os combatentes e os esmagavam. Os gritos agonizantes dos feridos se misturavam ao rugido das ondas e dos canhões. Em meio à desordem comum, Vernieri, líder do exército cristão, percebeu que a confusão estava começando a entrar nos navios turcos. Imediatamente, ele colocou em ordem algumas galés rasas cheias de artilheiros habilidosos, cercou os navios inimigos e, com tiros de canhão, despedaçou-os e fulminou-os. Naquele momento, à medida que a confusão entre os inimigos aumentava, surgiu um grande entusiasmo entre os cristãos e, de todos os lados, gritava-se *Vitória! Vitória!* e a vitória estava com eles. Os navios turcos fugiram em direção à terra, os venezianos os perseguiram e os esmagaram; não era mais uma batalha, era um massacre. O mar está repleto de roupas, panos, navios despedaçados, sangue e corpos mutilados; trinta mil turcos estão mortos; duzentas de suas galés estão em poder dos cristãos.

A notícia da vitória trouxe alegria universal aos países cristãos. O senado de Gênova e Veneza decretou que o dia 7 de outubro deveria ser um dia solene e festivo para sempre, porque foi nesse dia, no ano de 1571, que ocorreu a grande batalha. Entre as orações que o santo pontífice havia ordenado para o dia dessa grande batalha estava o Rosário, e

na hora exata em que esse evento ocorreu, ele mesmo o recitou com uma multidão de fiéis reunidos com ele. Naquele momento, a Santíssima Virgem apareceu a ele e lhe revelou o triunfo dos navios cristãos, triunfo esse que São Pio V anunciou rapidamente em Roma, antes que qualquer outra pessoa pudesse trazer a notícia. Em seguida, o santo pontífice, em gratidão a Maria, a cujo patrocínio atribuiu a glória daquele dia, ordenou que se acrescentasse: à Ladainha lauretana a oração jaculatória: *Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis*. Maria Auxiliadora dos Cristãos, rogai por nós. Para que a memória daquele prodigioso acontecimento fosse perpétua o mesmo Pontífice instituiu a Solenidade do Santíssimo Rosário, a ser celebrada todos os anos no primeiro domingo de outubro.

Capítulo X. A libertação de Viena.

No ano de 1683, os turcos, a fim de vingar sua derrota em Lepanto, fizeram planos para levar suas armas através do Danúbio e do Reno, ameaçando assim toda a cristandade. Com um exército de duzentos mil homens, avançando em marchas forçadas, eles chegaram a sitiar as muralhas de Viena. O Sumo Pontífice, que na época era Inocêncio XI, pensou em apelar aos príncipes cristãos, instando-os a ajudar a cristandade ameaçada. Poucos, entretanto, responderam ao convite do Pontífice, pelo que ele, como seu predecessor Pio V, decidiu colocar-se sob a proteção daquela que a Igreja proclama *terribilis ut castrorum acies ordinata*. Ele orava e convidava os fiéis de todo o mundo a orar com ele.

Nesse meio tempo, houve uma consternação geral em Viena, e o povo, temendo cair nas mãos dos infiéis, deixou a cidade e abandonou tudo. O imperador não tinha forças para se opor e abandonou sua capital. O príncipe Carlos de Lorena, que mal havia conseguido reunir trinta mil alemães, conseguiu entrar na cidade para, de alguma forma, tentar defendê-la. As aldeias vizinhas foram incendiadas. No dia 14 de agosto, os turcos abriram suas trincheiras a partir do portão principal e acamparam ali, apesar do fogo dos sitiados. Eles então

cercaram todas as muralhas da cidade, incendiaram e queimaram vários edifícios públicos e privados. Um caso doloroso aumentou a coragem dos inimigos e diminuiu a dos sitiados.

Eles atearam fogo à Igreja dos Escoceses, que consumiu aquele magnífico edifício e, chegando ao arsenal, onde estavam guardadas a pólvora e as munições, estava prestes a abrir a cidade para os inimigos, se, por uma proteção muito especial da Santíssima Virgem Maria, no dia de sua gloriosa Assunção, o fogo não tivesse sido extinto, dando-lhes tempo para salvar as munições militares. Essa sensível proteção da Mãe de Deus reavivou a coragem dos soldados e dos habitantes. No dia 22 do mesmo mês, os turcos tentaram derrubar mais edifícios lançando um grande número de balas de canhão e bombas, com as quais causaram muitos danos, mas não puderam impedir que os habitantes implorassem dia e noite pela ajuda do céu nas igrejas, nem que os pregadores os exortassem a depositar toda a sua confiança, depois de Deus, naquela que tantas vezes lhes dera ajuda poderosa. No dia 31, os sitiados levaram as obras à conclusão, e os soldados de ambos os lados lutaram corpo a corpo.

A cidade era um monte de ruínas, quando, no dia da Natividade da Virgem Maria, os cristãos redobram suas orações e, como que por milagre, receberam a notícia de um socorro próximo. De fato, no dia seguinte, o segundo dia da oitava da Natividade, eles viram a montanha, que fica em frente à cidade, toda coberta de tropas. Era João Sobieski, rei da Polônia, que quase sozinho entre os príncipes cristãos, atendendo ao convite do Pontífice, vinha em socorro com seus bravos homens. Convencido de que, com o pequeno número de seus soldados, a vitória lhe seria impossível, ele também recorreu àquela que é formidável em meio aos exércitos mais organizados e aguerridos. No dia 12 de setembro, ele foi à igreja com o príncipe Carlos e lá assistiram à santa missa, que ele mesmo quis ajudar, com os braços estendidos em forma de cruz. Depois de comungar e receber a santa bênção para si mesmo e para seu exército, o príncipe levantou-se e disse em voz alta: "Soldados, para a glória da Polônia, para a libertação de

Viena, para a salvação de toda a cristandade, sob a proteção de Maria, podemos marchar com segurança contra nossos inimigos e a vitória será nossa”.

O exército cristão então desceu das montanhas e avançou em direção ao acampamento dos turcos, que, depois de lutar por algum tempo, recuaram para o outro lado do Danúbio com tanta pressa e confusão que deixaram no acampamento o estandarte otomano, cerca de cem mil homens, a maioria de seus equipamentos, todas as suas munições de guerra e cento e oitenta peças de artilharia. Nunca houve uma vitória mais gloriosa que custasse tão pouco sangue aos vencedores. Soldados carregados de saques podiam ser vistos entrando na cidade, conduzindo à sua frente muitos rebanhos de bois que os inimigos haviam abandonado.

O Imperador Leopoldo, tendo ouvido falar da derrota dos turcos, retornou a Viena no mesmo dia, mandou cantar um *Te Deum* com a maior solenidade e, em seguida, reconhecendo que uma vitória tão inesperada se devia inteiramente à proteção de Maria, mandou trazer para a igreja principal o estandarte que havia encontrado na tenda do Grão-Vizir. O de Maomé, ainda mais rico, e que estava hasteado no meio do campo, foi enviado a Roma e apresentada ao Papa. Esse santo pontífice, também intimamente persuadido de que a glória desse triunfo era toda devida à grande Mãe de Deus, e desejoso de perpetuar a memória desse benefício, ordenou que a festa do Santo Nome de Maria, já praticada há algum tempo em alguns países, fosse futuramente celebrada em toda a Igreja no domingo entre a oitava de sua Natividade.

Capítulo XI. Associação de Maria Auxiliadora em Munique.

A vitória de Viena aumentou maravilhosamente a devoção a Maria entre os fiéis e deu origem a uma piedosa sociedade de devotos sob o título de Confraria de Maria Auxiliadora. Um padre capuchinho, que pregava com grande zelo na igreja paroquial de São Pedro, em Munique, com expressões fervorosas e comoventes, exortava os fiéis a se colocarem sob

a proteção de Maria Auxiliadora e a implorar seu patrocínio contra os turcos que ameaçavam invadir a Baviera a partir de Viena. A devoção à Bem-Aventurada Virgem Maria Auxiliadora cresceu a tal ponto que os fiéis quiseram continuá-la mesmo após a vitória de Viena, embora os inimigos já tivessem sido forçados a deixar a cidade. Foi então que uma Confraria sob o título de Maria Auxiliadora foi estabelecida para eternizar a memória do grande favor obtido da Santíssima Virgem.

O duque da Baviera, que comandava uma parte do exército cristão, enquanto o rei da Polônia e o duque da Lorena comandavam o restante da milícia, a fim de dar continuidade ao que havia sido feito em sua capital, pediu ao Sumo Pontífice, Inocêncio XI, a criação da Confraria. O papa concordou de bom grado e concedeu a instituição implorada com uma bula datada de 18 de agosto de 1684, enriquecendo-a com indulgências. Assim, em 8 de setembro do ano seguinte, enquanto o príncipe sitiava a cidade de Buda, a Confraria foi estabelecida por sua ordem com grande solenidade na Igreja de São Pedro, em Munique. A partir de então, os irmãos dessa Associação, unidos em seus corações no amor de Jesus e Maria, reuniram-se em Munique e ofereceram orações e sacrifícios a Deus para implorar sua infinita misericórdia. Por meio da proteção da Santíssima Virgem, essa Confraria se espalhou rapidamente, de modo que as maiores personalidades se interessaram em se inscrever nela para garantir a assistência dessa grande Rainha do Céu nos perigos da vida e especialmente na hora da morte. Imperadores, reis, rainhas, prelados, sacerdotes e uma infinidade de pessoas de todas as partes da Europa ainda consideram uma grande sorte estar inscritos nela. Os papas concederam muitas indulgências àqueles que fazem parte dessa irmandade. Os sacerdotes que são agregados podem agregar outros. Milhares de missas e rosários são rezados durante a vida e após a morte para aqueles que são seus membros.

Capítulo XII. Conveniência da festa de Maria Auxiliadora.

Os fatos que expusemos até agora em honra de Maria Auxiliadora deixam claro o quanto Maria gosta de ser invocada sob esse título. A Igreja Católica observou, examinou e aprovou tudo, orientando as práticas dos próprios fiéis, para que nem o tempo nem a malícia dos homens deturpassem o verdadeiro espírito de devoção.

Recordemos aqui o que já dissemos muitas vezes sobre as glórias de Maria como auxílio dos cristãos. Nos livros sagrados, ela é simbolizada na arca de Noé, que salva do dilúvio universal os seguidores do verdadeiro Deus; na escada de Jacó, que se eleva até o céu; na sarça ardente de Moisés; na arca da aliança; na torre de Davi, que defende contra todos os ataques; na rosa de Jericó; na fonte selada; no jardim bem cultivado e guardado de Salomão; ela é figurada em um aqueduto de bênçãos; no velo de Gedeão. Em outros lugares, ela é chamada de estrela de Jacó, bela como a lua, eleita como o sol, íris da paz, pupila dos olhos de Deus, aurora, portadora de consolações, Virgem, Mãe e Mãe de seu Senhor. Esses símbolos e expressões que a Igreja aplica a Maria tornam manifestos os desígnios providenciais de Deus, que quis torná-la conhecida para nós antes de seu nascimento como a primogênita entre todas as criaturas, a mais excelente protetora, ajuda e apoio do gênero humano.

No Novo Testamento, portanto, as figuras e expressões simbólicas cessam; tudo é realidade e cumprimento do passado. Maria é saudada pelo arcanjo Gabriel, que a chama de cheia de graça; Deus admira a grande humildade de Maria e a eleva à dignidade de Mãe do Verbo Eterno. Jesus, Deus imenso, torna-se filho de Maria; por ela ele nasce, por ela é educado, assistido. E o Verbo Eterno feito carne se submete em tudo à obediência de sua augusta Mãe. A pedido dela, Jesus realiza o primeiro de seus milagres em Caná da Galileia; no Calvário, ela se torna de fato a Mãe comum dos cristãos. Os apóstolos fazem dela sua guia e mestra de virtude. Com ela, eles se reúnem para orar no cenáculo; com ela, eles participam da oração e, no final, recebem o Espírito Santo. Aos apóstolos ela dirige suas últimas palavras e gloriosamente voa para o

céu.

De seu mais alto trono de glória, ela diz: *Ego in altissimis habito ut ditem diligentes me et thesauros eorum repleam*. Eu habito o mais alto trono de glória para enriquecer com bênçãos aqueles que me amam e para encher seus tesouros com favores celestiais. Assim, a partir de sua Assunção ao céu, começou o constante e ininterrupto concurso dos cristãos a Maria, e nunca se ouviu falar, diz São Bernardo, de alguém que confiantemente apelasse a ela e não fosse ouvido. Daí a razão pela qual cada século, cada ano, cada dia e, podemos dizer, cada momento é marcado na história por algum grande favor concedido àqueles que a invocaram com fé. Daí também a razão pela qual cada reino, cada cidade, cada país, cada família tem uma igreja, uma capela, um altar, uma imagem, uma pintura ou algum sinal que lembra uma graça concedida àqueles que recorreram a ela nas necessidades da vida. Os acontecimentos gloriosos contra os nestorianos e contra os albigenses; as palavras que Maria disse a São Domingos na época em que lhe recomendou a pregação do Rosário, que a Bem-Aventurada Virgem chamou de *magnum in Ecclesia praesidium* [grande defesa da Igreja]; a vitória de Lepanto, de Viena, de Buda, a Confraria de Munique, a de Roma, a de Turim e muitas outras erigidas em vários países da cristandade, deixam suficientemente claro quão antiga e difundida é a devoção a Maria Auxiliadora, quanto esse título lhe agrada e quanto benefício traz aos povos cristãos. Assim, Maria pôde proferir com toda a razão as palavras que o Espírito Santo colocou em sua boca: *In omni gente primatum habui*. Sou reconhecida como senhora entre todas as nações.

Esses fatos, tão gloriosos para a Santíssima Virgem, faziam com que se desejasse a intervenção expressa da Igreja para dar o limite e o modo pelo qual Maria poderia ser invocada sob o título de Auxílio dos Cristãos; e a Igreja já havia intervindo de certa forma com a aprovação das confrarias, orações e muitas práticas piedosas às quais estão ligadas as santas indulgências, e que em todo o mundo proclamam *Maria Auxilium Christianorum*.

Ainda faltava uma coisa: um dia estabelecido do ano para honrar o título de Maria Auxiliadora, ou seja, um dia de festa com um rito, uma missa e um ofício aprovados pela Igreja, e o dia dessa solenidade foi fixado. Para que os Pontífices determinassem essa importante instituição, era necessário algum evento extraordinário, que não demorou muito para se manifestar aos homens.

[\(continua\)](#)

Nino, um jovem como tantos outros... encontra o propósito da vida em seu Senhor

Nino Baglieri nasceu em Módica Alta em 1º de maio de 1951, filho de mãe Josefa e do pai Pedro. Com apenas quatro dias de vida, foi batizado na Paróquia de Santo Antônio de Pádua. Cresceu como muitos garotos, com um grupo de amigos, algumas dificuldades durante os anos de escola e o sonho de um futuro marcado pelo trabalho e pela possibilidade de formar uma família.

Poucos dias depois de seu aniversário de dezessete anos, comemorado à beira-mar com amigos, em 6 de maio de 1968, dia da memória litúrgica de São Domingos Sávio, durante um dia de trabalho normal como pedreiro, Nino caiu 17 metros quando desabou o andaime do prédio – não muito longe de casa – no qual estava trabalhando: 17 metros, como Nino aponta em seu Diário, “1 metro para cada ano de vida”. “Meu estado de saúde”, conta ele, “era tão grave que os médicos esperavam minha morte a qualquer momento (até recebi a unção dos enfermos). [Um médico] fez uma proposta inusitada aos meus

pais: 'se o seu filho conseguisse superar esses momentos, o que seria apenas o resultado de um milagre, seu destino seria passar a vida em uma cama; se vocês acreditarem, com uma punção letal, vocês e ele serão poupados de tanto sofrimento'. "Se Deus o quiser consigo", respondeu minha mãe, "leve-o; mas se ele o deixar viver, ficarei feliz em cuidar dele pelo resto da vida". Assim, minha mãe, que sempre foi uma mulher de muita fé e coragem, abriu os braços e o coração e foi a primeira a abraçar a cruz".

Nino também enfrentará anos difíceis de peregrinação em diferentes hospitais, onde terapias e operações dolorosas o testarão duramente, não resultando na recuperação desejada. Ele permanecerá tetraplégico pelo resto de sua vida.

Ao voltar para casa, acompanhado pelo afeto de sua família e pelo sacrifício heroico de sua mãe, que está sempre ao seu lado, Nino Baglieri encontra o olhar de amigos e conhecidos, mas com muita frequência vê neles uma pena que o perturba: "mischinu poviru Ninuzzu..." ("pobre coitado do Nino..."). Assim, ele acaba se fechando em si mesmo, em dez anos dolorosos de solidão e raiva. Foram anos de desespero e blasfêmia pela não aceitação de seu estado e de perguntas como: "Por que tudo isso aconteceu comigo?"

O ponto de virada ocorreu em 24 de março de 1978, véspera da Anunciação e – naquele ano – Sexta-feira Santa: um padre da Renovação no Espírito Santo foi visitá-lo com algumas pessoas e eles oraram por ele. Naquela manhã, Nino, ainda acamado, pediu à sua mãe que o vestisse: "Se o Senhor me curar, não ficarei nu na frente das pessoas". Lemos em seu diário: "Padre Aldo começou imediatamente a oração; eu estava ansioso e animado; ele colocou as mãos sobre minha cabeça; eu não entendia esse gesto; ele começou a invocar o Espírito Santo para que descesse sobre mim. Depois de alguns minutos, sob a imposição das mãos, senti um grande calor em todo o meu corpo, um grande formigamento, como se uma nova força entrasse em mim, uma força regeneradora, uma força viva, e algo antigo saísse. O Espírito Santo havia descido sobre mim; com poder ele entrou em meu coração; foi uma efusão de amor e vida;

naquele instante aceitei a cruz, disse meu sim a Jesus e renasci para uma nova vida; tornei-me um novo homem, com um novo coração; todo o desespero de 10 anos se apagou em poucos segundos; meu coração se encheu de uma alegria nova e verdadeira que eu nunca havia conhecido. O Senhor me curou; eu queria a cura física e, em vez disso, o Senhor operou algo maior, a cura do Espírito, de modo que encontrei paz, alegria, serenidade, muita força e muita vontade de viver. Quando terminei de orar, meu coração transbordou de alegria, meus olhos brilharam e meu rosto estava radiante; mesmo estando na mesma condição de sofrimento, eu estava feliz”.

Começou então um novo período para Nino Baglieri e sua família, um período de renascimento marcado em Nino pela redescoberta da fé e do amor pela Palavra de Deus, que ele leu por um ano consecutivo. Ele se abre para os relacionamentos humanos dos quais havia se afastado sem que os outros deixassem de amá-lo.

Um dia Nino, instigado por algumas crianças que estavam próximas a ele e lhe pediram para ajudá-las a fazer um desenho, percebeu que tinha o dom de escrever com a boca: em pouco tempo ele conseguiu escrever muito bem – melhor do que quando escrevia à mão – e isso lhe permitiu objetivar sua própria experiência, tanto na forma muito pessoal de numerosos Cadernos de Diário quanto por meio de poemas e poesias curtas que começou a ler no Rádio. Depois, com a expansão de sua rede de relacionamentos, milhares de cartas, amizades, encontros..., por meio dos quais Nino expressará uma forma particular de apostolado, até o fim de sua vida.

Enquanto isso, ele aprofunda sua jornada espiritual por meio de três diretrizes, que ritmam sua experiência eclesial, em obediência aos encontros que Deus coloca em seu caminho: a proximidade com a Renovação no Espírito Santo; a ligação com a realidade dos Camilianos (Ministros dos Enfermos); o caminho com os Salesianos, tornando-se antes Salesiano Cooperador e depois leigo consagrado no Instituto Secular de Voluntários com Dom Bosco (interpelado pelos delegados do Reitor-Mor, dá também uma contribuição na elaboração do Projeto de Vida dos

CDB). Foram os camilianos que lhe propuseram pela primeira vez uma forma de consagração: ela, humanamente falando, parecia captar a natureza específica de sua existência, marcada pelo sofrimento. O lugar de Nino, porém, é na casa de Dom Bosco e ele o descobre com o tempo, não sem momentos de cansaço, mas sempre confiando naqueles que o guiam e aprendendo a comparar seus próprios desejos com os caminhos pelos quais a Igreja o chama. E enquanto Nino passava pelas etapas de formação e consagração (até sua profissão perpétua em 31 de agosto de 2004), havia muitas vocações – inclusive para o sacerdócio e a vida consagrada para as mulheres – que se inspiraram nele, receberam força e luz.

O Responsável Mundial dos “CDB” se expressa assim sobre o significado da consagração leiga hoje, também vivida por Nino: “Nino Baglieri foi para nós, Voluntários com Dom Bosco, um presente especial do céu: ele é o primeiro de nós, irmãos, que nos mostra o caminho da santidade através de um testemunho humilde, discreto e alegre. Nino realizou plenamente a vocação à secularidade consagrada salesiana e nos ensina que a santidade é possível em todas as condições de vida, mesmo naquelas marcadas pelo encontro com a cruz e o sofrimento. Nino nos recorda que todos podemos vencer n’Aquele que nos dá força: a Cruz que ele tanto amou, como um noivo fiel, foi a ponte pela qual uniu a sua história pessoal de homem à história da salvação; foi o altar no qual celebrou o seu sacrifício de louvor ao Senhor da vida; foi a escada para o paraíso. Animados por seu exemplo, nós também, como Nino, podemos nos tornar capazes de transformar todas as realidades cotidianas como bom fermento, certos de encontrar nele um modelo e um poderoso intercessor junto a Deus”.

Nino, que não pode se mover, é o Nino que, com o tempo, aprende a não fugir, a não se esquivar dos pedidos, e se torna cada vez mais acessível e simples como seu Senhor. Sua cama, seu pequeno quarto ou sua cadeira de rodas são assim transfigurados naquele “altar” onde tantos trazem suas alegrias e tristezas: ele os acolhe, oferece a si mesmo e seus próprios sofrimentos por eles. Nino “presente” é o amigo no

qual se pode “descarregar” muitas preocupações e “depositar” os fardos: ele os acolhe com um sorriso, mesmo que em sua vida – guardados em sua reserva – não faltem momentos de grande provação moral e espiritual.

Nas cartas, nas reuniões, nas amizades, ele demonstra grande realismo e sempre sabe ser verdadeiro, reconhecendo sua própria pequenez, mas também a grandeza do dom de Deus nele e por meio dele.

Durante um encontro com jovens em Loreto, na presença do Card. Angelo Comastri, ele dirá: “Se algum de vocês está em pecado mortal, está muito pior do que eu!”: é a consciência, toda salesiana, de que é melhor “a morte, mas não os pecados”, e que os verdadeiros amigos devem ser Jesus e Maria, dos quais nunca se deve separar.

O Bispo da Diocese de Noto, Dom Salvador Rumeo, enfatiza que “a divina aventura de Nino Baglieri nos lembra que a santidade é possível e não pertence aos séculos passados: a santidade é o caminho para chegar ao Coração de Deus. Na vida cristã não há outras soluções. Abraçar a Cruz significa estar com Jesus no período de sofrimento para participar de Sua Luz. E Nino está na Luz de Deus”.

Nino nasceu para o céu em 2 de março de 2007, depois de ter comemorado ininterruptamente o dia 6 de maio (o dia da queda) como o “aniversário da cruz” desde 1982.

Após sua morte, ele foi vestido com macacão e tênis, para que, como ele disse, “em minha última jornada até Deus, eu possa correr em direção a ele”.

O P. João d’Andrea, inspetor dos salesianos da Sicília, nos convida a “... conhecer cada vez melhor a pessoa de Nino e sua mensagem de esperança. Também nós, como Nino, queremos vestir “macacão e tênis” e “correr” no caminho da santidade, o que significa realizar o Sonho de Deus para cada um de nós; um Sonho que cada um de nós é: ser “feliz no tempo e na eternidade”, como escreveu Dom Bosco em sua Carta de Roma, de 10 de maio de 1884”.

Em seu testamento espiritual, Nino nos exorta a “não deixá-lo sem fazer nada”: a sua Causa de Beatificação e

Canonização é agora o instrumento disponibilizado pela Igreja para aprender a conhecê-lo e amá-lo cada vez mais, para encontrá-lo como amigo e exemplo no seguimento de Jesus, para recorrer a ele na oração, pedindo-lhe aquelas graças que já chegaram em grande número.

“O testemunho de Nino” – espera o Postulador Geral, P. Pierluigi Cameroni sdb – “pode ser um sinal de esperança para aqueles que estão em provação e dor, e para as novas gerações, para que possam aprender a enfrentar a vida com fé e coragem, sem desanimar e se abater. Nino nos sorri e nos apoia para que, como ele, possamos fazer nossa «corrida» rumo à alegria do céu”.

Por fim, o bispo Dom Rumeo, no final da sessão de encerramento do Inquérito Diocesano, disse: “É uma grande alegria ter alcançado esse marco para Nino e especialmente para a Igreja de Noto. É um convite para trilharmos o caminho da santidade. O caminho da santidade é uma arte difícil porque o coração da santidade é o Evangelho. Ser santo significa aceitar a palavra do Senhor: àquele que lhe bater na face, ofereça também a outra; àquele que lhe pedir a capa, ofereça também a túnica. Isso é santidade! [...] Em um mundo onde o individualismo prevalece, devemos escolher como entendemos a vida: ou escolhemos a recompensa dos homens ou recebemos a recompensa de Deus. Jesus disse isso, ele veio e continua sendo um sinal de contradição porque ele é o divisor de águas, o ano zero. A vinda de Cristo se torna a agulha na balança: ou com ele, ou contra ele. Amar e nos amarmos é a afirmação que deve guiar nossa existência”.

Roberto Chiaramonte

Encontro com Vera Grita de Jesus, Serva de Deus

Vera Grita, junto com Alexandrina Maria da Costa (de Balazar), ambas Salesianas Cooperadoras, são duas testemunhas privilegiadas de Jesus presente na Eucaristia. Elas são um dom da Providência para a Congregação Salesiana e para a Igreja, lembrando-nos as últimas palavras do Evangelho de Mateus: “Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

O convite a um encontro

Nos últimos anos, entre as figuras de santidade da Família Salesiana, foi incluída Vera Grita (1923-1969), leiga, consagrada com votos privados, Salesiana Cooperadora, mística. Vera é agora Serva de Deus (concluída a fase diocesana e em andamento a fase romana da Causa) e a sua importância para nós deriva essencialmente de dois motivos: como Cooperadora, pertence carismaticamente à grande Família de Dom Bosco e podemos senti-la “irmã”; como mística, o Senhor Jesus lhe “ditou” a Obra dos Tabernáculos Vivos (Obra eucarística de amplo alcance eclesial) que, por vontade do Céu, é confiada antes de tudo aos Salesianos. Jesus chama fortemente os salesianos para que conheçam, vivam, aprofundem e testemunhem essa sua Obra de Amor na Igreja, para cada ser humano. Conhecer Vera Grita significa, portanto, hoje, tomar consciência de um grande dom dado à Igreja por meio dos filhos de Dom Bosco, e estar em sintonia com o pedido de Jesus de que sejam os próprios salesianos a guardar esse precioso tesouro e a doá-lo aos outros, colocando-se profundamente em ação.

O fato de que esta Obra seja, antes de tudo, eucarística (... “Tabernáculos vivos”) e mariana (Maria Imaculada, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos, Mãe da Obra) não pode deixar de nos reconduzir ao “sonho das duas colunas” de Dom Bosco, no qual a nave da Igreja encontra segurança contra o ataque dos inimigos

ancorando-se nas duas colunas da Virgem Maria e da Santíssima Eucaristia.

Há, portanto, uma grande e constitutiva salesianidade na vida de Vera: isso nos ajuda a senti-la próxima, uma nova amiga e irmã de espírito. Ela nos toma pela mão e nos conduz – com a sua típica doçura e força – a um encontro renovado e de grande beleza com Jesus na Eucaristia, para que Ele seja recebido e levado aos outros. É – isso também – um gesto de preparação para o Natal, porque Maria (“tabernáculo de ouro”) traz e nos dá Jesus: a Palavra da vida (cf. 1Jo 1,1), feita carne (cf. Jo 1,14).

Perfil biográfico e espiritual de Vera Grita

Vera Grita nasceu em Roma em 28 de janeiro de 1923, a segunda das quatro filhas de Hamlet Grita e Maria Ana Zacco della Pirrera. Seus pais eram originários da Sicília: Hamlet pertencia a uma família de fotógrafos; a *senhora* Maria Ana era filha de um barão da cidade de Módica e, ao se casar contra a vontade do pai, perdeu para sempre todos os privilégios e a própria possibilidade de cultivar qualquer vínculo com sua família de origem. Vera nasceu de um arroubo afetivo, mas também de um grande amor ao qual seus pais souberam permanecer fiéis em meio a muitas provações.

O antifascismo do pai Hamlet, um roubo de equipamento fotográfico e, sobretudo, a crise de 1929-30 têm sérias repercussões para a família Grita: em pouco tempo, eles se veem pobres e incapazes de sustentar o crescimento das filhas. Assim, enquanto Hamlet, Maria Ana e a filha mais nova, Rosa, permaneceram juntos e recomeçam novamente em Savona, na Ligúria, Vera cresceu com as irmãs Josefina e Liliana em Módica, com as tias paternas: mulheres de fé e talento, totalmente no mundo, mas “não do mundo” (cf. Jo 17). Em Módica – cidade siciliana que é patrimônio da UNESCO pelo esplendor de seu barroco – Vera frequentou a escola das Filhas de Maria Auxiliadora e recebeu a Primeira Comunhão e a Crisma. Sente-se atraída pela vida de oração e atenta às necessidades do próximo, mantendo silêncio sobre seus próprios sofrimentos

para ser uma “mãe” para sua irmãzinha Liliana. No dia de sua primeira comunhão, ela não queria mais tirar o vestido branco, pois estava ciente do valor do que havia vivido e de tudo o que isso significava.

Ao voltar para a família em 1940, Vera obteve seu diploma de professora. A morte prematura de seu pai, Hamlet, em 1943, obrigou-a a ajudar a família com o trabalho, mas desistindo de sua desejada profissão de professora.

Em 3 de julho de 1944 – aos 21 anos de idade e enquanto procurava abrigo contra um ataque aéreo – Vera foi atropelada e pisoteada pela multidão que fugia: ela ficou no chão por horas, dilacerada, machucada, com ferimentos graves, e acreditava-se que estivesse morta. Seu corpo ficou marcado para o resto da vida e, com o passar do tempo, doenças como a doença de Addison (que esgota o hormônio responsável pelo controle do estresse) e cirurgias contínuas, incluindo a remoção do útero ainda jovem, cobraram seu preço. Os eventos de 3 de julho e o quadro clínico comprometido a impediram de formar uma família, como ela gostaria. *«A partir de então, foi uma sucessão de internações, operações, análises, dores excruciantes na cabeça e em todo o corpo. Doenças terríveis foram diagnosticadas, vários cuidados foram tentados. Os órgãos afetados não respondiam ao tratamento e, nesse distúrbio inexplicável, um de seus médicos assistentes, espantado [,] declarou: ‘Não dá para entender como é possível que a paciente tenha encontrado seu equilíbrio’».*

Durante 25 anos, até o fim de sua vida terrena, Vera Grita suportou corajosamente um sofrimento que se aprofundaria em um sofrimento moral e espiritual; e ela o encobriu com discrição e um sorriso, sem deixar de se dedicar aos outros. Seu corpo tornou-se “pesado” (embora gracioso: Vera sempre foi muito feminina e bonita), um corpo que impunha restrições, lentidão e cansaço a cada passo.

Com 35 anos, realizou o sonho de lecionar com grande força de vontade e, de 1958 a 1969, foi professora em escolas quase todas no interior da Ligúria: de difícil acesso, com turmas pequenas e, às vezes, com alunos desfavorecidos ou

deficientes, aos quais transmitia confiança, compreensão e alegria, chegando a renunciar aos remédios para comprar os tônicos necessários para o crescimento deles. Mesmo na família, ela é mais “mãe” do que a mãe das sobrinhas, o que atesta uma sensibilidade educativa muito delicada e uma capacidade geradora única, humanamente impossível em vista das suas provações vividas (cf. Is 54). Quando o relacionamento com os outros, as situações, os problemas parecem dominar e Vera experimenta o desânimo humano ou é tentada a se rebelar, por causa de um sentimento de injustiça, ela sabe reler a história à luz do Evangelho e recordar o seu “lugar” de “pequena vítima”: *“Hoje [...] – escreverá um dia ao seu diretor espiritual – vejo as coisas em seu valor”*. Este padre lhe recomendou: *“Permaneçamos calmos na obediência”*.

No dia 19 de setembro de 1967, enquanto rezava diante do Santíssimo Sacramento exposto na pequena igreja de Maria Auxiliadora em Savona, ela sentiu interiormente a primeira de uma longa série de Mensagens que o Céu lhe comunica no breve espaço de dois anos e que constituem a “*Obra dos Tabernáculos Vivos*”: *Obra de Amor* com a qual Jesus na Eucaristia quer ser conhecido, amado e levado às almas, em um mundo que cada vez menos acredita Nele e O procura. Para ela, é o início de um relacionamento de crescente plenitude com o Senhor, que entra em sua vida cotidiana com a Sua Presença, em um diálogo concreto como o de dois amantes, participando da existência de Vera em tudo (Jesus dita Seus próprios pensamentos enquanto Vera escreve uma carta, de modo que a carta é escrita a “quatro mãos”, com a maior familiaridade). Do “*levar a Jesus*” ao “*levar Jesus*”: Ele!

Vera submeteu tudo ao seu diretor espiritual e à obediência da Igreja, com um alto conceito de dependência deles, muita obediência, uma imensa humildade: Jesus havia tomado uma “professora” e a colocou na escola do Seu Amor, ensinando-a por meio das Mensagens e, acima de tudo, chamando-a à coerência da fé e da vida. Ele é um Esposo muito doce e, ao mesmo tempo, muito exigente ao treiná-la para o caminho da virtude: Ele recorre às imagens da escavação, do trabalho, do

cinzel, do martelo com seus “golpes” para ensinar a Vera o quanto ela deve tirar de si, quanto trabalho deve ser feito em uma alma para que ela possa ser um verdadeiro Templo da Presença de Deus: *“Estou trabalhando em você com golpes de cinzel [...]. A aridez, as pequenas e grandes cruces são o meu martelo. Então, em intervalos, o golpe virá, o meu golpe. Tenho de tirar muitas, muitas coisas de você: resistência ao meu amor, desconfiança, medos, egoísmo, ansiedades inúteis, pensamentos não cristãos, hábitos mundanos”*. A docilidade de Vera é a ascese cotidiana, a humildade de quem toca o limite, mas o coloca à disposição da onipotência e da misericórdia de Deus. Jesus, por meio dela, ensina um caminho de santidade que – se é evidentemente orientado para poder acolher a plenitude de Sua Vida – se expressa por meio de um “menos” do que somos e resistimos a Ele: santidade... por “subtração”, para nos tornarmos transparência Dele. A primeira característica do Tabernáculo é, de fato, estar vazio e disposto a acolher uma Presença. Como escreveu a mestra de noviças de um mosteiro beneditino do Santíssimo Sacramento: *“Os pensamentos que ela escreve são de Jesus. Como os textos são limpos! Às vezes, mesmo nos diários espirituais de almas santas e belas, quanta subjetividade emerge [...] e é justo que seja assim. [...] Vera [em vez disso] desaparece, ela não está lá [,] ela não é contada”* (cf.).

Vera um dia escreverá: *“Meus alunos são parte de mim, do meu amor por Jesus”*. É o fruto maduro de uma vida eucarística que a faz “partir o pão” com a Única Vítima. Sem Jesus, ela não poderia mais viver: *“Eu quero Jesus, não importa o que aconteça. Não posso mais viver sem Ele, não posso”*. Uma declaração “ontológica” que fala do vínculo indissolúvel entre ela e seu Esposo Eucarístico.

Vera Grita recebeu uma primeira Mensagem, seguida de oito anos de silêncio, em Alpicella (Savona), em 6 de outubro de 1959. Em 2 de fevereiro de 1965, fez os votos de castidade perpétua e de “pequena vítima” para os sacerdotes, aos quais serviu com particular delicadeza e dedicação. Tornou-se Cooperadora Salesiana em 24 de outubro de 1967.

Amava intensamente Maria, a quem se havia consagrado, e vivia seu relacionamento filial com Ela no espírito da “escravidão de amor” de Montfort. Mais tarde, ofereceu-se para outras intenções, de natureza eclesial: em particular para os sacerdotes que, com o período dos anos “sessenta e oito”, abandonaram sua vocação, mas permaneceram filhos amados, nunca longe do Coração de Cristo, como Ele mesmo assegura.

Considerada digna de fé, muito amada e estimada, com fama de santidade, Vera morreu no hospital “Santa Corona”, em Pietra Ligure (Savona), no dia 22 de dezembro de 1969, de choque hipovolêmico por hemorragia massiva e consequente falência de vários órgãos: “*esposa de sangue*”, como foi chamada por Jesus nas Mensagens, muito antes de entender o que isso significava.

Poucos momentos depois, o capelão – com um gesto tão espontâneo quanto incomum – elevou seu corpo ao céu, orando e oferecendo tudo, apresentando Vera como uma oferta agradável: *consummatum est!* Era o último de uma série de gestos que pontuavam a vida da Serva de Deus e que, de outras formas, ela mesma havia realizado: o sinal da cruz amplo; a genuflexão bem feita, lentamente; a Escada Santa de joelhos com os Cadernos nos quais transcrevia as Mensagens da Obra; a oferta de si mesma levada até São Pedro. Quando não entendia, no cansaço e às vezes na dúvida, Vera Grita *fazia*: sabia que o mais importante não era o seu próprio sentimento, mas a objetividade da Obra de Deus nela e através dela. Ela havia escrito sobre si mesma: «*Sou ‘terra’ e não sirvo para nada, a não ser para escrever sob ditado*»; «*Às vezes entendo e não entendo*»; “*Jesus não me abandona, mas se sirva deste trapo para seus planos divinos*». O diretor espiritual, surpreso, comentou um dia – referindo-se às palavras das Mensagens –: “*Acho-as esplêndidas, até mesmo beatificantes. E como você consegue permanecer árida?*”. Vera nunca havia olhado para si mesma e, como para todo místico, uma luz mais forte havia se tornado para ela noite escura, escuridão brilhante, prova da fé.

Oito anos depois, em 22 de setembro de 1977, o

Papa Paulo VI (que já havia recebido algumas das mensagens da Obra e que havia instituído os Ministros Extraordinários da Eucaristia em 1972), recebeu em audiência o diretor espiritual de Vera Grita, P. Gabriel Zucconi, sdb, e abençoou a Obra dos Tabernáculos Vivos.

Em 18 de maio de 2023, o bispo de Savona-Noli, Dom Calógero Marino, *“aprovou os Estatutos da Associação “Obra dos Tabernáculos Vivos”;* e, em 19 de maio, *erigiu-a em Associação privada de fiéis, reconhecendo também sua personalidade jurídica”*. O Reitor-Mor dos Salesianos, Card. Fernández Artime, já em 2017 autorizou e encarregou a Postulação SDB de *“acompanhar todos os passos necessários para que a Obra [...] continue a ser estudada, promovida em nossa Congregação e reconhecida pela Igreja, em espírito de obediência e caridade”*.

Ser e tornar-se “Tabernáculos Vivos”

No centro das Mensagens a Vera está Jesus Eucaristia: todos nós temos experiência da Eucaristia; mas é preciso observar (cf. o teólogo P. Francisco Maria Léthel, ocd) como a Igreja aprofundou, *ao longo do tempo*, o significado do Sacramento do Altar, de descoberta em descoberta: por exemplo, da *celebração à Reserva Eucarística* e da *Reserva à Exposição* durante a Adoração do Santíssimo Sacramento... Por meio de Vera, Jesus pede um passo a mais: da Adoração na igreja, onde é preciso ir para encontrá-Lo, àquele *“Leve-me com você!”* (cf. *abaixo*), por meio do qual Ele mesmo, tendo feito sua morada em seu Tabernáculo Vivo (nós), quer sair das igrejas para alcançar aqueles que, espontaneamente, não entrariam nas igrejas; aqueles que não acreditam nele; não o buscam; não o amam ou até mesmo o excluem voluntariamente da própria existência. A **graça carismática** ligada à Obra é, de fato, a da **permanência eucarística de Jesus na alma**, de modo que quem recebe Jesus-Eucaristia na Santa Missa e vive sensível aos Seus apelos e à Sua Presença, irradia-O no mundo, a cada irmão e especialmente aos mais necessitados. Assim, Vera Grita se torna o exemplo e o modelo (no sentido literal

do termo: alguém que já viveu o que é exigido de cada um) de uma vida vivida em um profundo corpo a corpo com o Senhor Eucarístico, até que seja Ele mesmo quem olha, fala, age, por meio da “alma” que O carrega e O entrega. Jesus diz: *“Eu me servirei de seu modo de falar, de se expressar, para falar e alcançar as outras almas. Deem-me suas faculdades, para que eu possa me encontrar com todos e em todos os lugares. No início, será para a alma um trabalho de atenção, de vigilância, para descartar de si mesma tudo o que representa um obstáculo à minha permanência nela. Minhas graças nas almas chamadas para essa Obra serão graduais. Hoje você leva de Mim para a família, o Meu beijo; em outro momento, algo mais e sempre mais ainda, até que, quase sem que a própria alma saiba, Eu farei, agirei, falarei, amarei, por meio dela, todos os que se aproximarem dessa alma, ou seja, de Mim. Há aqueles que agem, falam, olham, trabalham, sentindo-se guiados apenas pelo meu Espírito; mas eu já sou Tabernáculo Vivo nessa alma, e ela não sabe disso. Mas deve sabê-lo, porque quero sua adesão à minha PERMANÊNCIA EUCARÍSTICA em sua alma; quero que essa alma me dê também sua voz para falar aos outros homens, seus olhos para que os meus possam encontrar o olhar dos irmãos, seus braços para que eu possa abraçar os outros, suas mãos para acariciar os pequenos, as crianças, os sofredores. Essa Obra, porém, tem como base o **amor** e a **humildade**. A alma deve ter sempre diante de si suas próprias misérias, seu próprio nada, e nunca se esquecer de que tipo de massa foi amassada”* (Savona, 26 de dezembro de 1967).

Pode-se, então, compreender também outro aspecto da relevância “salesiana” do carisma: o ser para os outros; enviados em particular aos pequenos, aos pobres, aos últimos, aos distantes; viver uma “interioridade apostólica” que significa ser tudo em Deus e tudo para o irmão; a grande doçura de quem não leva a si mesmo, mas irradia a mansidão, a serenidade e a alegria do Senhor crucificado e ressuscitado; a atenção privilegiada aos jovens, que também são chamados a participar dessa vocação.

Vera – cujo confessor em vida foi um salesiano (P.

João Bocchi) e cujo diretor espiritual foi também um salesiano (P. Gabriel Zucconi) e um “referente” da experiência mística (P. José Borra) – volta hoje a bater à porta dos filhos de Dom Bosco. A própria Obra nasceu em Turim, berço do carisma salesiano.

Referências bibliográficas:

– Centro de Estudos “Opera dei Tabernacoli Viventi” (ed.), [Portami con Te! L’Opera dei Tabernacoli Viventi nei manoscritti originali di Vera Grita](#), Turim, 2017.

– Centro de Estudos “Opera dei Tabernacoli Viventi” (ed.), [Vera Grita una mistica dell’Eucaristia. Epistolario di Vera Grita e dei Sacerdoti Salesiani don G. Bocchi, don G. Borra e don G. Zucconi](#), ElleDiCi, Turim, 2018.

Ambos os textos incluem estudos de contextualização histórico-biográfica, teológico-espiritual, salesiana e eclesial da Obra.

“Mãe de Jesus, Mãe do belo Amor, dai amor ao meu pobre coração, dai pureza e santidade à minha alma, dai vontade ao meu caráter, dai santa iluminação à minha mente, dai-me Jesus, dai-me o vosso Jesus para sempre.” (Oração a Maria que Jesus ensinou a Vera Grita)

A semente crescente do carisma salesiano na missão de Bangladesh

Encontramos o P. José Cosme Dang, salesiano vietnamita que presta serviço em Bangladesh, que nos contou sobre a história e os desafios dessa missão específica.

O atual Bangladesh é um país formado após a divisão da Índia em 1947. A região de Bengala foi dividida de acordo com linhas religiosas: a parte ocidental, hindu, permaneceu sob o domínio da Índia e a parte oriental, muçulmana, juntou-se ao Paquistão como uma província chamada Bengala Oriental e mais tarde renomeada Paquistão Oriental. Na época da divisão, havia milhões de hindus que migraram de Bangladesh para a Índia e vários milhares de muçulmanos que se mudaram da Índia para Bangladesh. Entende-se que o caráter religioso dessa divisão e migração foi de grande importância na vida dessa grande população de cerca de 170 milhões de pessoas, das quais mais de 89% são muçulmanos, 9% hindus, 1% budistas e 1% cristãos. O país se tornou independente do Paquistão em 1971 e atualmente é um país em desenvolvimento que enfrenta muitos desafios, apesar de sua riqueza cultural. Muitas crianças não frequentam escolas e passam seu tempo ajudando suas famílias a encontrar uma maneira de sobreviver, pescando, procurando lenha ou de outras formas. Os serviços de saúde são insuficientes para a população, e muitos habitantes não podem arcar com despesas médicas.

Nessa situação complexa, os salesianos sentiram o chamado de Deus para servir nesse país, especialmente por causa da falta de pastores católicos e do grande número de jovens marginalizados e pobres. Em 2009, o padre Francisco Alencherry, que era Conselheiro Geral para as Missões, lançou os primeiros fundamentos da missão salesiana na diocese de Mymensingh, em resposta ao convite do bispo local. A missão, sob a jurisdição da Inspeção de Calcutá (INC), desenvolveu-se rapidamente com a ajuda de outros missionários, incluindo o P. José Cosme Dang, do Vietnã, que chegou em 29 de outubro de 2012, na festa do Bem-aventurado Miguel Rua, depois de uma interminável espera de dezoito meses pelo visto. Gradualmente, o número de casas salesianas, albergues, escolas, centros juvenis, igrejas paroquiais e capelas de vilarejos está crescendo para atender aos jovens pobres e às necessidades pastorais da Igreja local. Atualmente, os salesianos estão

presentes em duas comunidades canônicas com cinco presenças permanentes: Utrail-Telunjia em Mymensingh, Lukhikul-Khonjonpur em Rajshahi e Moushair em Dhaka. Vendo o que os salesianos estão fazendo, as autoridades eclesiais locais expressaram seu reconhecimento e apreço, e alguns bispos ainda estão esperando uma presença salesiana em suas dioceses.

Esse trabalho é uma semente da Igreja que está crescendo lentamente graças à ajuda de muitos benfeitores e colaboradores. A Providência está abençoando Bangladesh com vocações salesianas locais: 14 jovens salesianos professos provêm da terra de Bangladesh; entre eles, cinco jovens fizeram a profissão perpétua e, pouco depois, em 19 de maio de 2024, outros quatro jovens salesianos farão os votos perpétuos e assumirão o compromisso permanente do *“Da mihi animas, cetera tolle”*. Recentemente, foi ordenado o primeiro sacerdote salesiano em Bangladesh, o P. Vítor Mankhin. Os salesianos estão envolvidos na animação vocacional, organizando regularmente o acampamento vocacional *“Venha e veja”* todos os anos para convidar os jovens que têm o desejo de se tornar salesianos. O carisma salesiano criou raízes e parece que, no céu, Dom Bosco está sorrindo e cuidando de Bangladesh.

O P. José Cosme Dang conta sua vida missionária como uma experiência de fé do mistério da encarnação, o que é o segundo nascimento. *“Tive que aprender a comer, a falar novas línguas e a viver com a população local. Aprendi a fazer muitos trabalhos nos quais nunca havia pensado antes de vir para Bangladesh. Com a mentalidade de aprender, eu me abri para novas situações e desafios com um olhar surpreendente”*.

O crescimento na fé é o dom mais precioso concedido por Deus. Sem dúvida, Deus é o provedor, o autor, e nós somos meros colaboradores.

Marco Fulgaro

Sonho dos Dez Diamantes

Um dos sonhos mais famosos de Dom Bosco foi o chamado “Sonho dos Dez Diamantes”, realizado em setembro de 1881. É um sonho de advertência que nunca perderá seu valor, de modo que a declaração que Dom Bosco fez aos superiores será sempre verdadeira: “Os males ameaçados serão evitados, se pregarmos sobre as virtudes e os vícios ali observados”. O Padre Lemoyne nos diz isso em suas Memórias Biográficas (XV, 182-184).

Como para levantar o ânimo de Dom Bosco, para que o peso de tantas pequenas e grandes contrariedades não o esmagasse, o céu, por assim dizer, descia até ele de tempos em tempos sob a forma de ilustrações do alto, que o confirmavam na certeza encorajadora da missão que lhe fora confiada pelo Senhor. No mês de setembro, ele teve um de seus sonhos mais importantes, que, prenunciando o destino da Congregação em um futuro próximo, revelou-lhe seus grandiosos aumentos, mas ao mesmo tempo revelou-lhe os perigos que ameaçavam destruí-la, se ele não tomasse providências a tempo. As coisas que ele viu e ouviu o impressionaram tanto que ele não se contentou em expressá-las verbalmente, mas também as colocou por escrito. O original está perdido; no entanto, várias cópias chegaram até nós, todas com uma concordância incrível.

Spiritus Sancti gratia, illuminet sensus et corda nostra. Amém. [A graça do Espírito Santo ilumine nossos sentidos e nossos corações]

Para ensinamento da Pia Sociedade Salesiana.

No dia 10 de setembro do ano em curso (1881), dia que a Igreja consagra ao glorioso Nome de Maria, os salesianos, reunidos em São Benigno Canavese, realizavam seus Exercícios Espirituais. Na noite do dia 10 para o dia 11, enquanto dormia, minha mente

se viu em um grande salão esplendidamente adornado. Parecia-me estar passeando com os Diretores das nossas Casas, quando apareceu entre nós um homem de tão majestoso aspecto que não podíamos fixar nele os olhos. Depois de lançar-nos um olhar, sem dizer palavra, pôs-se a caminhar a alguns passos distante de nós. Ele estava vestido da seguinte maneira: Um rico manto, à guisa de capa, cobria-o todo. A parte próxima ao pescoço era como uma faixa que se atava na frente, e sobre o peito pendia um laço. Na faixa estava escrito em caracteres luminosos: *Pia Salesianorum Societas anno 1881* (Sociedade de São Francisco de Sales no ano de 1881) e na borda dessa faixa liam-se as palavras: *Qualis esse debet* (Como deve ser). De tamanho e fulgor extraordinários, dez diamantes mal nos permitiam fitar o augusto Personagem. Sobre o peito achavam-se três deles. Num estava escrito *Fides* (Fé), noutro *Spes* (Esperança) e, no que estava sobre o coração, *Charitas* (Caridade). Um quarto diamante, no ombro direito, trazia a palavra *Labor* (Trabalho). Outro, no ombro esquerdo *Temperantia* (Temperança). Os demais cinco ornavam a parte posterior do manto e estavam assim dispostos: um maior e mais resplandecente era como o centro de um quadrilátero, e tinha escrito *Obedientia* (Obediência). No primeiro da direita lia-se *Votum Paupertatis* (Voto de Pobreza). No segundo, mais abaixo, *Praemium* (Prêmio). À esquerda, no que ficava mais alto, lia-se *Votum Castitatis* (Voto de Castidade): seu esplendor emitia uma luz toda especial e atraía o olhar como o imã atrai o ferro. No segundo, da esquerda, mais embaixo, estava escrito *Ieiunium* (Jejum). Os quatro faziam convergir seus raios luminosos para o diamante do centro.

Estes brilhantes despediam raios que se elevavam quais pequenas chamas e traziam escritas aqui e ali várias sentenças.

Sobre a Fé se elevavam as palavras: *Sumite scutum Fidei, ut adversus insidias diaboli certare possitis* (Tomai o escudo da Fé a fim de poderdes combater contra as insídias do demônio). Noutro raio: *Fides sine operibus mortua est. Non auditores,*

sed factores legis regnum Dei possidebunt (A Fé sem obras é morta. Não os que escutam a lei, mas os que a praticam é que possuirão o Reino de Deus).

Sobre os raios da esperança: *Sperate in Domino, non in hominibus. Semper vestra fixa sint corda, ubi vera sunt gaudia (Esperai em Deus e não nos homens. Ali estejam sempre fixos os vossos corações, onde estão as verdadeiras alegrias).*

Sobre os raios da Caridade: *Alter alterius onera portate, si vultis adimplere legem meam. Diligite et diligemini. Sed diligite animas vestras et vestrorum. Devote divinum officium persolvatur; missa attente celebretur; Sanctum Sanctorum peramanter visitetur (Suportai-vos uns aos outros, se quiserdes observar a minha lei. Amai e sereis amados. Mas amai as vossas almas e as dos que vos são confiados. Recitai com devoção o Ofício divino; a Missa se celebre com atenção; visitai com muito amor o Santo dos Santos).*

Sobre a palavra Obra: *Remedium concupiscentiae, arma potens contra omnes insidias diaboli (Remédio contra a concupiscência. Arma poderosa contra todas as insídias do demônio).*

Sobre a temperança: *Si lignum tollis, ignis extinguitur. Pactum constitue cum oculis tuis, cum gula, cum somno, ne huiusmodi inimici depraedentur animas vestras. Intemperantia et castitas non possunt simul cohabitare (Se retiras a lenha, o fogo se apaga. Faze um pacto com os olhos, com a gula, com o sono, para que tais inimigos não te arruinem a alma. Intemperança e castidade não podem conviver juntas).*

Sobre os raios da obediência: *Totius aedificii fundamentum, et sanctitatis compendium (Fundamento de todo o edifício e compêndio da santidade).*

Sobre os raios da Pobreza: *Ipsorum est Regnum coelorum. Divitiae spinae. Paupertas non verbis, sed corde et opere conficitur. Ipsa coeli ianuam aperiet et introibit (Deles é o*

reino dos céus. As riquezas são espinhos. A pobreza não se obtém com palavras, mas com o coração e as obras. Ela nos abrirá a porta do céu e nele nos introduzirá).

Sobre os raios da Castidade: Omnes virtutes veniunt pariter cum illa. Qui mundo sunt corde, Dei arcana vident, et Deum ipsum videbunt. (Junto com ela vêm todas as virtudes. Os puros de coração penetram os segredos de Deus: verão o mesmo Deus).

Sobre os raios do Prêmio: Si delectat magnitudo praemiorum, non deterreat multitudo laborum. Qui mecum patitur, mecum gaudebit. Momentaneum est quod patimur in terra, aeternum est quod delectabit in coelo amicos meos (Se nos agrada a grandeza dos prêmios, não nos amedronte a multidão das fadigas. Quem sofre comigo, comigo há de gozar no céu. É momentâneo o que se sofre na terra; mas eterno o que os meus amigos hão de gozar no Céu).

Sobre os raios do Jejum: Arma potentissima adversus insidias inimici. Omnium Virtutum Custos. Omne genus daemoniorum per ipsum eiicitur (Arma poderosíssima contra as insídias do inimigo. A guarda de todas as virtudes. Por meio dele se expulsa toda a classe de inimigos).

Uma larga faixa cor-de-rosa servia de orla à parte inferior do manto. Sobre ela estava escrito: Argumentum praedicationis. Mane, meridie et vespere. Colligite fragmenta virtutum et magnum sanctitatis aedificium vobis constituetis. Vae vobis qui modica spernitis, paulatim decidetis. (Tema de pregação. De manhã, ao meio-dia e à tarde. Praticai as pequenas virtudes e erguereis um grande edifício de santidade. Ai de vós que desprezais as coisas pequenas; pouco a pouco caireis nas grandes).

Até esse ponto alguns Diretores mantinham-se de pé, outros de joelhos, mas todos atônitos e ninguém falava. Neste ponto, o P. Rua, como se estivesse fora de si, disse: “É preciso tomar nota de tudo para não esquecer”. Procurou uma caneta, mas não

achou; tomou da caderneta, procurou um lápis e tampouco achou. Tirou a carteira, procurou, e nada de lápis.

– “Eu lembrarei”, disse o P. Durando.

– “Vou tomar nota” – acrescentou o P. Fagnano. E se pôs a escrever com a haste de uma rosa. Todos olhavam e compreendiam a escrita. Assim que o P. Fagnano acabou de escrever, o P. Costamagna continuou a ditar assim:

– “A Caridade tudo entende, tudo suporta, tudo vence; preguemo-la com as palavras e com os fatos”.

Enquanto o P. Fagnano escrevia, a luz desapareceu, e todos nós nos vimos em uma escuridão espessa. Silêncio, disse o P. Ghivarello, ajoelhemo-nos, rezemos, e a luz virá. O P. Lasagna começou o *Veni Creator (Vinde, Espírito Criador)*; depois o *De Profundis (Das profundezas clamo a Vós, Senhor)* e *Maria Auxilium Christianorum (Maria Auxiliadora dos Cristãos)*, e todos respondemos. Quando dissemos: *Ora pro nobis (Rogai por nós)*, reapareceu uma luz, rodeando um cartaz em que se lia: *Pia Salesianorum Societas qualis esse periclitatur anno salutis 1900 (A Pia Sociedade Salesiana tal como corre o risco de se tornar no ano 1900)*. Após um instante a luz se fez mais viva, de modo que nos podíamos ver e reconhecer uns aos outros.

No meio desse resplendor, apareceu de novo o Personagem de antes, mas com aspecto triste, como o de alguém que está prestes a chorar. O manto estava desbotado, puído, rasgado. Onde antes estavam os diamantes, viam-se agora profundos estragos causados por traças e outros pequenos insetos.

Respicite (olhem) disse o personagem, *et intelligite (entendam)*. Vi os dez diamantes transformados em traças que roíam o manto.

No lugar do diamante da Fé, agora se lia: *Somnus et accidia (Sono e indolência)*.

Em vez de *Spes: Risus et scurrilitas (Risadas e Vulgaridades)*.

Em vez de *Charitas: Negligentia in divinis perficiendis. Amant et quaerunt quae sua sunt, non quae Iesu Christi. (Negligência nas coisas de Deus. Amam e buscam o que lhes interessa e não o*

que interessa a Jesus Cristo).

Em vez de *Temperantia: Gula, et quorum Deus venter est* (Gula e Aqueles cujo Deus é o próprio ventre).

Em vez de *Labor: Somnus, furtum, et otiositas* (Sono, furto e ociosidade).

No lugar da *Obedientia*, havia apenas um rasgão amplo e profundo, sem nada escrito.

Em vez de *Castitas: Concupiscentia oculorum et superbia vitae* (Concupiscência dos olhos e soberba da vida).

À *Pobrezas* sucedera: *Lectus, habitus, potus et pecunia* (Leito, roupas, bebida, dinheiro).

Em vez de *Praemium: Pars nostra erunt quae sunt super terram* (Nossa herança serão os bens da terra).

Onde antes estava *Ieiunium*, havia outra grande falha, sem nada escrito.

A essa vista ficamos todos estarrecidos. O P. Lasagna caiu desmaiado, o P. Cagliari tornou-se pálido e, apoiando-se numa cadeira, exclamou: – “Mas é possível que as coisas chegaram a este ponto?”. O P. Lazzeri e o P. Guidazio estavam como fora de si e deram-se as mãos para não desmaiar. O P. Francesia, o Conde Cays, o P. Barberis e o P. Leveratto estavam de joelhos e rezavam com o terço nas mãos.

Foi quando se ouviu uma voz cavernosa: *Quomodo mutatus est colour optimus!* (Como se esvaeceu toda aquela esplêndida cor!)

Mas na escuridão aconteceu um fenômeno singular. Vimo-nos de repente rodeados de densas trevas, no meio das quais apareceu logo uma luz vivíssima que tinha forma de corpo humano; não podíamos fixar nela os olhos, mas percebemos que era um gracioso juvenzinho trajando um hábito branco tecido com fios de ouro e prata. Ao redor de todo o hábito havia uma faixa de diamantes muito luminosos. Com aspecto majestoso, mas doce e amável, aproximou-se um pouco de nós e disse-nos estas palavras textuais:

Servi et instrumenta Dei Omnipotentis, attendite et intelligite. Confortamini et estote robusti. Quod vidistis et audistis, est coelestis admonitio, quae nunc vobis et

fratribus vestris facta est; animadvertite et intelligite sermonem. Iaculo, praevisa minus feriunt, et praeveniri possunt. Quot sunt verbo signata, tot sint argumenta praedicationis. Indesinenter praedicate opportune et importune. Sed quae praedicatis, constanter facite, adeo ut opera vestra sint velut lux, quae sicuti tuta traditio ad fratres et filios vestros pertranseat de generatione in generationem. Attendite et intelligite. Estate oculati in tironibus acceptandis, fortes in colendis, prudentes in admittendis. Omnes probate, sed tantum quod bonum est tenete. Leves et mobiles dimittite. Attendite et intelligite. Meditatio matutina et vespertina sit indesinenter de observantia constitutionum. Si id feceritis, numquam vobis deficiet Omnipotentis auxilium. Spectaculum facti eritis mundo et Angelis, et tunc gloria vestra erit gloria Dei. Qui videbunt saeculum hoc exiens et alterum incipiens, ipsi dicent de vobis: A Domino factum est istud et est mirabile in oculis nostris. Tunc omnes fratres vestri et filii vestri una voce cantabunt: Non nobis, Domine, non nobis; sed Nomini tuo da gloriam.

(Servos e instrumentos de Deus Onipotente, atendam e fiquem sabendo. Tenham coragem e sejam fortes. O que viram e ouviram é um aviso do céu que se lhes dá agora e a seus irmãos; prestem bem atenção e compreendam minhas palavras. Quando previstos, os dardos ferem menos; e podem ser evitados. Todas as palavras aqui escritas sejam assunto de pregação. Preguem sem descanso, oportuna e importunamente. Mas pratiquem constantemente o que pregam, para que suas obras sejam luz que se transmita como tradição segura a seus irmãos e filhos, de geração em geração. Prestem bem atenção e fiquem sabendo. Sejam cuidadosos no aceitar os noviços, fortes em cultivá-los, prudentes em admiti-los [à profissão]. Provem-nos todos, mas conservem somente os bons. Mandem embora os levianos e volúveis. Prestem bem atenção e fiquem sabendo. A meditação da manhã e da tarde seja constantemente acerca da observância das Constituições. Se assim fizerem, jamais lhes faltará o auxílio

do Onipotente. Serão alvo dos olhares do mundo e dos Anjos. E então a glória de vocês será a glória de Deus. Os que virem o findar deste século e o início do outro hão de dizer de vocês: Esta é Obra de Deus, admirável aos nossos olhos. Então seus irmãos e filhos hão de cantar a uma só voz: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome seja a glória!”.)

Estas últimas palavras foram cantadas, e à voz de quem falava uniu-se uma multidão de outras vozes tão harmoniosas e sonoras que ficamos sem sentidos, e para não cairmos desmaiados, pusemo-nos a cantar juntos! Terminado o canto, a luz se esvaiu... Então acordei. E vi que estava amanhecendo”.

Pró memória. Esse sonho durou quase a noite inteira e, pela manhã, vi-me sem forças. Entretanto, com medo de esquecer, levantei-me às pressas e fiz algumas anotações, que me serviram de lembrete para lembrar o que expus aqui no dia da Apresentação de Maria Santíssima no Templo.

Não foi possível lembrar-me de tudo. Entre muitas coisas, pude observar com confiança que o Senhor nos mostra grande misericórdia.

Nossa Sociedade é abençoada pelo Céu, mas Ele quer que façamos nosso trabalho. Os males ameaçados serão evitados, se pregarmos sobre as virtudes e sobre os vícios mencionados; se praticarmos o que pregamos, se transmitirmos a nossos irmãos minha tradição prática do que foi e do que será feito.

Também pude ver que há muitos espinhos, muitos trabalhos iminentes, que serão seguidos de grandes consolações. Por volta de 1890, grande temor, por volta de 1895, grande triunfo.

Maria Auxilium Christianorum ora pro nobis (Maria Auxiliadora, rogai por nós).

O Padre Rua imediatamente pôs em prática a admoestação do Personagem, de que as coisas reveladas deveriam ser objeto de pregação; pois deu uma série de conferências aos Irmãos do Oratório, nas quais comentou minuciosamente as duas partes do

sonho. O tempo a que Dom Bosco se referia, a dupla eventualidade de triunfos ou derrotas, correspondia na Congregação ao que na vida humana é o início da adolescência, um momento delicado e perigoso, do qual depende a maior parte do futuro. Na última década do século passado, a multiplicação das casas e dos sócios e a extensão da obra salesiana em tantas nações diferentes poderiam, sem dúvida, dar origem a alguns daqueles desvios da linha reta que, se não forem interrompidos prontamente, levam cada vez mais longe da estrada principal. Mas quando Dom Bosco faleceu, a Providência encontrou em seu sucessor a mente iluminada e a vontade enérgica que eram necessárias para aquela fase crítica. O Padre Rua, que poderia muito bem ser considerado a personificação viva de tudo o que era bom e belo representado na primeira parte do sonho, era de fato uma sentinela vigilante e um líder infatigável e autorizado para disciplinar e guiar as novas gerações ao longo do caminho legítimo.

O escopo do sonho não tem limite de tempo. Dom Bosco deu o alarme para um momento especial que se seguiria à sua morte; mas o *qualis esse debet* (Como deve ser) e o

qualis esse periclitatur (que perigo corre) contém **uma admoestação que nunca perderá seu valor, de modo que a declaração feita por Dom Bosco aos Superiores será sempre verdadeira: “Os males ameaçados serão evitados, se pregarmos sobre as virtudes e os vícios ali observados”.**

**Madre Rosetta Marchese:
educadora profundamente**

salesiana porque enraizada em Cristo

Madre Rosetta Marchese, Filha de Maria Auxiliadora, foi Superiora Geral de 1981 a 1984. Ela recebeu muitas graças da Providência que a sustentaram em seu caminho de serviço à Congregação e a levaram a fazer uma oferta de si mesma pela salvação das almas, uma oferta agradável a Deus.

A Serva de Deus Madre Rosetta Marchese nasceu em Aosta em 20 de outubro de 1922, filha de João e Joana Stuardi. É a mais velha de três filhas: ela, Ana e Maria Luísa. Ela nasceu em uma bela casa no subúrbio. Rosetta frequentou a escola maternal e as três primeiras classes primárias na escola das Filhas de Maria Auxiliadora. De 1928 a 1938 (dos 6 aos 16 anos), foi uma oratoriana assídua e ativa e membro da Ação Católica. O ambiente salesiano era animado e sereno e foi ali que sua vocação floresceu.

Com quase 16 anos, em 15 de outubro de 1938, Rosetta entrou como aspirante na Casa “Madre Mazzarello”, em Turim. Em 31 de janeiro de 1939, foi admitida no Postulantado. Era uma jovem simples, alegre, de oração e sacrifício. Em 6 de agosto, entrou no Noviciado. Em sua pequena mesa, no escritório, está escrito: “*Quem se poupa não ama, ama a si mesmo*”. Em 5 de agosto de 1941, fez sua primeira profissão. Ela pediu às superiores para partir como missionária, mas, devido à violência da guerra, não recebeu uma resposta positiva. Imediatamente após sua profissão, Ir. Rosetta foi enviada a Turim e Vercelli para se preparar para o magistério e ajudar as meninas da escola.

Aos 21 anos, de 1943 a 1947, foi aluna da Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão, em Castel Fogliani (Piacenza). De 1947 – ano em que fez a profissão perpétua – a 1957 foi destinada à Casa Missionária “Madre Mazzarello”, em Turim, como professora, assistente das

educandas, responsável pelo oratório e pelas ex-alunas.

Em 1957 (aos 37 anos), deixou Turim para ir a Caltagirone, na Sicília, como diretora, onde permaneceu até 1961. Seu encontro com o bispo Dom Francisco Fasola, Servo de Deus, foi fundamental e ajudou a trazer à tona intuições e graças latentes em sua alma. No dia em que tomou posse da diocese de Caltagirone (22 de janeiro de 1961), sentiu a santidade do bispo que a guiaria espiritualmente por 23 anos, até sua morte. Seu relacionamento com o bispo Dom Fasola lançou mais luz sobre o mistério do sacerdócio, tanto que, em 2 de agosto de 1961, Ir. Rosetta se ofereceu pela santidade do bispo e, mais tarde, pela Igreja, pela santidade dos sacerdotes e pelas almas religiosas. Nesse meio tempo, ela apoiou muitas freiras como mestra de vida interior por meio de acompanhamento espiritual e correspondência. De 1961 a 1965, Ir. Rosetta foi diretora do Instituto Jesus Nazareno, na Rua Dalmazia, em Roma. Seu serviço coincidiu com a celebração do Concílio Vaticano II.

De 1965 a 1971, Madre Ângela Vespa, Superiora Geral das FMA, confiou à Irmã Rosetta a grande Inspetoria Romana de "Santa Cecília". De 1971 a 1973 foi diretora em Lecco Olate. Depois lhe foi confiado o governo de outra grande Inspetoria, a Lombarda "Maria Imaculada". No Capítulo Geral XVI, em 17 de outubro de 1975, foi eleita Conselheira Visitadora.

De 1975 a 1981, visitou as Inspetorias da Bélgica, Sicília, Zaire (atual República Democrática do Congo), França, Alemanha e Piemonte. Em 1981, no centenário da morte de Madre Mazzarello, que ofereceu sua vida pelo Instituto, de 7 a 10 de outubro, Madre Rosetta teve uma experiência misteriosa na casa de fundação do Instituto em Mornese. Uma voz na paróquia do vilarejo e no quarto da Cofundadora lhe disse: "Aceite, aceite!". Em 24 de outubro de 1981, no Capítulo Geral XVII, foi eleita Madre Geral por unanimidade.

Em Turim, em 24 de maio de 1982, uma febre alta foi o primeiro sintoma da doença que a consumiria: leucemia grave. Em seus cadernos de anotações e epistolários, ela

observa que oferece sua vida pela santidade do Instituto, dos sacerdotes e dos jovens. Todos se mobilizaram com orações incessantes e também com a disposição de doar sangue para transfusões. A Irmã Ancilla Modesto relata que as Irmãs em Portugal perguntam à Irmã Lúcia de Fátima se ela pode implorar a cura a Nossa Senhora. A Irmã Lúcia de Fátima tem um sobrinho salesiano, Padre Valihno, que, em 14 de janeiro de 1983, foi visitar a Madre no Hospital Gemelli, levando a imagem de Nossa Senhora de Fátima e uma mensagem da Irmã Lúcia: “*A oferta foi agradável a Deus*”. Nos seus últimos dias, ela confidenciou à sua vigária, Madre Maria Pilar Leton, que naquele pequeno quarto em Mornese ela havia intuído a sua eleição como Madre Geral e a sua morte pela santidade das irmãs e dos sacerdotes. De fato, Madre Rosetta nasceu para o céu em 8 de março de 1984, aos 61 anos de idade.

A figura que emerge entrelaçando os seus cadernos pessoais (1962-1982), o seu epistolário (1961-1983) com Dom Francisco Fasola (também Servo de Deus), junto com algumas outras cartas, é a de uma mulher profundamente mística, autenticamente educadora salesiana, plenamente inserida no contexto sócio-ecclesial da Itália conciliar e pós-conciliar.

Consciente da complexa realidade do seu tempo e aberta ao dom da graça, com a sua experiência de Deus, ela dá, de certo modo, a “confirmação” das grandes verdades da fé católica sobre a Eucaristia, Nossa Senhora e a Igreja, que foram postas em questão na descristianização generalizada típica do período italiano de vinte anos, 1958-1978, e em particular na crise de 1968 com suas prolongadas reverberações. Sua vida tornou-se um chamado ao essencial e imutável nas experiências flutuantes e complexas de seu tempo, de modo especial para a Igreja, para os sacerdotes, para o seu Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e para os leigos da Família Salesiana.

Madre Rosetta tem uma missão específica: traçar uma linha “reparadora e afirmativa” com relação às verdades de fé empobrecidas pela cultura descristianizada e reapresentá-las com força e beleza.

Diante do materialismo e da descristianização da cultura, Madre Rosetta tem uma experiência forte e vívida da Trindade. Ela percebeu as primeiras lembranças trinitárias desde os primeiros anos de sua vida religiosa (1944 em Castelfogliani; 1951 em Turim, na Casa Madre Mazzarello; 1959 em Caltagirone), como ela mesma conta em detalhes:

“Tenho diante de mim as etapas deste caminho traçado por Ele: os Exercícios dos votos trienais, quando, lendo e meditando o Evangelho de São João, fui envolvida pelos sentimentos de Jesus para com o Pai celeste e foi o início do meu lento trabalho de sair de mim mesma para lançar-me na penetração do Coração de Jesus, visto desta forma. Depois, por volta dos dez anos de profissão, as palavras de Jesus a Filipe: “Quem me vê, vê o Pai”, abriram-me para o Mistério da Trindade e Jesus me conduziu à alegria da presença Deles em mim, mas muito imperfeitamente experimentada e compreendida por mim. Então, há seis anos, Nossa Senhora me abriu para o Espírito Santo e o Mistério da Trindade se tornou cada vez mais familiar para mim. Em 24 de julho de 1965, ao recitar o Glória durante a Santa Missa com a expressão “Filho do Pai”, senti como toda a ternura do Pai se derramava sobre minha alma e, a partir daquele momento, Jesus me deu uma participação mais íntima em seus sentimentos pelo Pai Celestial. Desde então, todos os dias minha invocação ao Espírito Santo sempre foi essa e acho que posso dizer que sempre vivi com essa paixão única de me identificar com Jesus em seu amor pelo Pai Celestial!” (Rosetta Marchese, texto datilografado).

Diante da crise entre os sacerdotes e os fiéis sobre a fé na Eucaristia, Madre Rosetta viveu uma intensa vida eucarística da qual extraiu força e luz até mesmo para a complexa vida diária.

“Agora dizemos muitas coisas, mas estou convencida de que apenas uma viraria a Congregação de cabeça para baixo: poder pregar as irmãs dez minutos todos os dias diante do Tabernáculo em oração silenciosa de contemplação e união com

Sua vontade. Todos os problemas seriam resolvidos ali. Começemos por ser fiéis para que todas possam chegar lá” (Madre Rosetta Marchese, *Carta à Irmã Elvira Casapollo*, Mornese, 19 de agosto de 1978).

De 1979 até a sua morte, ela viveu o fenômeno místico da habitação eucarística, ou a Presença Real de Jesus, como uma Presença permanente e contínua dentro de si mesma após a Comunhão. Madre Rosetta carrega dentro de si uma fornalha eucarística ardente na qual ela mergulha suas irmãs, jovens e leigos:

“Parece-me agora que minha tarefa é pegar continuamente todas as almas e mergulhá-las no fogo do amor que é o Coração de Jesus, que carrego dentro de mim. Gostaria de poder repetir isso a ele mil vezes por dia, sempre... e então me deixo envolver pelo trabalho e pelas dificuldades que acarreta; mas essa prova contínua da minha fraqueza me faz bem e aumenta a minha confiança; quanto menor e mais miserável eu for, mais fácil será me perder no Coração de Jesus” (Madre Rosetta Marchese, *Carta ao Bispo Dom Francisco Fasola*, Festa dos Arcanjos de 1980).

Diante da crise de uma mariologia ameaçada pelo secularismo e pouco atraente para o povo de Deus, Jesus dá a Madre Rosetta um relacionamento filial vivo com a Virgem Maria, mulher do *Fiat* e do *Magnificat*, e lhe dá uma experiência viva do olhar de Nossa Senhora. Com essa intensidade, ela propõe aos jovens e aos leigos da Família Salesiana o seu amor por Maria Auxiliadora. De fato, ela escreve:

“No início dos exercícios espirituais, quase de repente, senti-me como que penetrada por um olhar interior de Nossa Senhora e como que subjugada e tomada por esse olhar [...] vislumbrei como a minha presença em Maria, permanecendo n’Ela, abandonada a Ela, como Jesus depois da Encarnação, seria o modo mais seguro de deixar livre a ação do Espírito em Jesus

(não sei se estou me expressando bem)” (Madre Rosetta Marchese, Carta ao P. José Groppo, Roma, 4 de maio de 1963).

À medida que a crise das instituições (Igreja e sociedade) se agravava, Madre Rosetta vivenciou toda a experiência do Concílio e do pós-Concílio *cum Ecclesia* e invocou a presença constante do Espírito sobre ela. No dia da abertura do Concílio, acompanhando o evento pela televisão, ela escreveu a Dom Fasola descrevendo-o como um novo Pentecostes:

“Eu me senti tão viva e palpitante com a grandeza e a santidade da Igreja de Deus; parecia-me que eu estava experimentando quase que sensivelmente a presença de Maria e do Espírito Santo naquele imenso e santo cenáculo” (Madre Rosetta, Carta ao Bispo Dom Francisco Fasola, Roma, 13 de outubro de 1962).

Diante de um ativismo que torna estéril o apostolado entre os jovens, ela aponta para o segredo da graça da unidade: viver o dever do momento presente em união com Deus, enraizado em um relacionamento esponsal com Cristo.

“Veja, querida, dessa forma você começa a contemplação e a ação: quando sua ação é feita somente para Ele, buscando Sua glória, fazendo o melhor que pode com as crianças para encontrar um bom momento para falar sobre Ele; quando você se aproxima dos pais com o único pensamento de dizer uma palavra para ajudá-los a educar melhor seus filhos; quando, depois das aulas, você ajuda essas crianças com a intenção de fazê-las sentir a bondade, o carinho, o cuidado do Senhor que a envia para substituir os pais que não podem acompanhá-las; quando você tenta ser boa e paciente com suas irmãs apesar do trabalho e do cansaço; tudo isso é buscar a Deus e a união com Ele! Então você pode dizer que verdadeiramente o Senhor reina em sua vida, e há unidade entre ação e contemplação”. (Carta da Irmã Rosetta Marchese à Irmã Maria Rosa Boni, Roma, 21 de janeiro de 1980).

“A Santíssima Trindade em mim, eu no coração da Santíssima Trindade, através de todo o amor do Espírito Santo; possuída por Jesus como uma esposa; perdida n’Ele em louvor ao Pai”. (Madre Rosetta Marchese, *Caderno*, 10 de novembro de 1967).

Diante de um estilo de governo frequentemente formal e distante, típico do período pré-conciliar, ela escolheu a “mística de governar”:

“Para servir às almas, devo me mover na Paz de Deus; em Jesus para intuí-las, amá-las, descobrir a vontade do Pai para elas, no Espírito Santo. Permanecer imersa em Jesus, respirar o Espírito Santo e permanecer com paz e amor ao lado de cada alma: tudo o mais é imensamente secundário”. (Madre Rosetta Marchese, *Caderno*, 1º de dezembro de 1971).

O seu testemunho e a sua espiritualidade salesiana, tão fascinante e profética, iluminam a nossa vida de fé, o nosso relacionamento com o Senhor Jesus, e revigoram o nosso apostolado entre os jovens com uma nova beleza e profundidade. Ela incentiva as irmãs:

“Façam tudo para salvar almas e não deixem que nenhum esforço pareça grande demais quando vocês pensarem que serve para salvar almas, especialmente almas dos jovens.” (Relatório da visita extraordinária de Madre Rosetta Marchese, Munique, 20-24 de novembro de 1978, 3/3).

Verdadeiramente Madre Rosetta Marchese é uma salesiana completa, na qual o “Da mihi animas cetera tolle” de Dom Bosco e Madre Mazzarello entre os jovens, especialmente entre as meninas, está enraizado em um profundo fogo interior, em uma profunda união com Deus.

Ir. Francisca Caggiano
Vice-postuladora

0 Venerável Simão Srugî, Salesiano Coadjutor

Simão Srugî nasceu em Nazaré (Palestina), em 15 de abril de 1877, em uma família greco-melquita. Tendo perdido os pais ainda menino, foi levado para um orfanato em Belém, onde aprendeu os ofícios de alfaiate e padeiro. Após quatro anos de aspirantado e noviciado, professou como salesiano coadjutor e passou toda a sua vida religiosa em Betgamāl-Caphargamala [Bet Gemal], na região de Shephèla [Sefelá] (1894-1943). Essa escola agrícola e orfanato para meninos árabes e armênios foi aberta para atender à população local com uma escola primária, um moinho, uma prensa de azeite e um ambulatório/dispensário.

1) **Na vida da comunidade educativa**, Srugî era catequista dos pequenos, presidente das confrarias do Santíssimo Sacramento e de São José, formador dos coroinhas e mestre de cerimônias litúrgicas, responsável pela enfermaria. Era exemplar por sua castidade, pobreza, obediência e bondade para com seus coirmãos e colaboradores leigos. Dominando seu temperamento vivo, ele não se deixava dominar pela pressa ou pelo entusiasmo, de modo que tanto jovens quanto idosos procuravam sua amável companhia. Eles admiravam sua humildade e capacidade de perdoar a todos e sempre, tendo como certo que *“as pessoas verdadeiramente humildes nunca acreditam que foram injustiçadas”*. No santuário de Bet Gemal, Simão via diariamente as imagens de Jesus crucificado rezando *“Pater dimitte illis”* [Pai, perdoa-os] e de Santo Estêvão perdoando aqueles que o apedrejavam. Incentivado pelo exemplo deles, ele alcançou um estado heroico de virtude, perdoando aqueles que o acusaram de causar a morte de uma mulher que sofria de gangrena, cuidando do grupo de jovens que o havia atacado e até mesmo cuidando no ambulatório de um dos supostos

assassinos de seu diretor, o P. Mário Rosin.

2) **Srugi realizou seu trabalho principalmente neste último ambiente**, auxiliado pela Irmã Tercília Ferrero, FMA. Todos os dias eles tratavam dezenas de pessoas pobres e desnutridas que sofriam de várias doenças (malária, disenteria, infecções nos pulmões, olhos, dentes...). Os registros de medicações do período de 1932 a 1942 contêm dezenas de milhares de registros de pacientes de 70 vilarejos próximos e distantes. Simão era animado por grande caridade e cuidava desses irmãos e irmãs rudes e sujos com gentil compaixão, vendo em suas feridas as de Jesus. As pessoas preferiam recorrer a ele em vez de ir aos médicos, porque estavam convencidas de que ele curava pelo poder de Deus.

3) **A fonte dessa vida heroica era sua união habitual com Deus**, que não se limitava à celebração da missa ou às longas horas de adoração diante do Santíssimo Sacramento, mas transbordava para toda a sua vida cotidiana, em uma atitude litúrgica constante: *“Deus habita em minha alma não menos resplandecente de luz e glória do que na glória do céu. Estou sempre na presença de Deus. Faço parte de sua guarda de honra. Esforçar-me-ei para ser puro de mente e coração... Quão cuidadoso devo ser para nunca manchar minha alma e meu corpo, o augusto templo da Santíssima Trindade!”* – Testemunhas dizem que Simão andava na terra, mas seu coração estava no céu. Ele trabalhava e labutava, mas sempre sustentado pela esperança de recompensa e descanso eterno. “Ele vivia de fé, fundamentada em um grande amor a Deus, no abandono total à Providência. Sua aparência externa, sempre calma, sorridente e serena, exalava um ar de paraíso que encantava. A opinião comum era que ele vivia mais para o céu do que para a terra. Em meio a tanta atividade e a diferentes tipos de trabalho, Srugi habitava habitualmente em um mundo superior; em suas conversas íntimas com Deus, com Nossa Senhora e com os santos, ele já tinha um antegozo da pátria celestial, para a qual ele ansiava com toda a urgência de sua alma” (P. De Rossi). – “A virtude da esperança é o que

eu mais admirava em Simão. Nunca conheci ninguém que estivesse tão familiarizado com o céu como ele. Era o pensamento do Céu que o acompanhava e o guiava em todas as circunstâncias da vida, fossem elas prósperas ou adversas. E esse pensamento, que era quase natural para ele, ele o cultivava delicadamente em todos os que se aproximavam dele, fossem irmãos, jovens, doentes, trabalhadores e até mesmo muçulmanos. Quantas vezes eu o ouvi dizer e cantar: *'Paraíso, paraíso!'* [a conhecida canção de louvor composta por Sílvio Péllico e Dom Bosco]. Às vezes ele parecia estar fora de si de alegria. Como estávamos acostumados a vê-lo recolhido e humilde, era estranho quando ele abordava esses tópicos com tanta facilidade e informalidade, alegremente, pulando de alegria. Srugi tinha visto o paraíso e provado suas delícias de antemão". (P. Dal Maso)

4) Em seus propósitos pessoais, ele insiste na natureza radical de sua consagração religiosa: *"Eu me entreguei, eu me consagrei, eu me vendi inteiramente ao meu Deus. Portanto, não devo ser nem de mim mesmo, nem do mundo, nem dos jovens; meus pensamentos, meus afetos, meus desejos devem ser para Ele... Ao tornar-me religioso, entreguei-me inteiramente a meu Deus, de corpo e alma, e Ele me aceitou de bom grado como Seu. (...) Consagrei-me ao serviço de Deus com amor e quero manter meus votos sagrados por amor a Ele e para agradar-lhe. (...) Ser religioso nada mais é do que ligar-se a Deus por meio de uma mortificação contínua de nós mesmos e viver somente para Deus".* Um verso rimado resume lindamente: *"Orar, sofrer, viver de acordo com o amor divino: este, ó religioso, é todo o seu destino"*.

Ele insistia que tudo deve ser sustentado pela "reta intenção", ou seja, a intenção de servir e agradar somente a Deus, de fazer tudo para sua glória, por seu amor. *"Deus, em sua imensa bondade, merece que tudo seja feito em sua honra, mesmo que não houvesse nem céu nem inferno... Em todos os lugares e em todas as minhas ações, sempre olharei para o meu Deus, assim como ele olha para mim, e farei tudo para agradar-*

lhe". Nisso, Simão desejava imitar a Jesus (*"Eu sempre faço o que é do agrado do Pai"*: cf. Jo 8,29) e seguir o ensinamento de Francisco de Sales sobre o "beneplácito" de Deus.

Além da *Imitação de Cristo*, o livro de Santo Afonso de Ligório *A Prática do Amor a Jesus Cristo* foi um dos livros mais lidos por Simão. Amor significa imitação que leva à identificação: Jesus crucificado é o modelo mais perfeito que o religioso é chamado a copiar, para se tornar um com Ele, "a ponto de poder dizer com o Apóstolo: «*eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim*» (Gl 2,20). Esse é o significado mais profundo da saudação habitual de Srugi: "*Viva Jesus!*", dirigida tanto aos cristãos quanto aos muçulmanos, que para ele abrangia tudo: "*Que Jesus viva nos nossos corações, nas nossas mentes, as nossas obras, na nossa vida e na nossa morte*".

Essa atitude habitual deu origem à paz e à tranquilidade inalteráveis que Simão irradiava: "*A entrega absoluta à vontade divina é o segredo da alegria dos santos... Onde há perfeita uniformidade com a vontade de Deus, jamais pode reinar a tristeza ou a melancolia. [...] A felicidade de agradar a Deus fazendo bem todas as coisas é um antegozo do paraíso*".

5) Simão é uma testemunha da tradição salesiana primitiva e um modelo atual. Sua teologia da perfeição religiosa é aquela contida nos escritos de Dom Bosco, atualizada por seus sucessores (P. Rua, P. Álbera, P. Ricaldone – que ele conheceu pessoalmente durante suas visitas à Terra Santa – e P. Rinaldi); suas cartas e "estreias" eram lidas e comentadas regularmente na comunidade de Bet Gemal. Seu "vocabulário", portanto, pertencia ao "modo comum de sentir e agir" em voga entre os salesianos daquela época, expresso em termos familiares.

Srugi se beneficiou sobretudo do ministério do P. Eugênio Bianchi (1853-1931), que esteve em Bet Gemal de 1913 a 1931, continuando a transmitir o carisma salesiano original que havia aprendido do próprio Dom Bosco e que depois, de 1886 a 1911, havia "enxertado" na vida de mais de mil noviços, incluindo muitos futuros santos, já canonizados ou a caminho:

André Beltrami, Luís Versiglia, Luís Variara, Vicente Cimatti, Augusto Hlond... Simão Srugi não se limitou a copiar um modelo ou a seguir genericamente os passos de outros: em vez disso, ele elaborou um programa personalizado de santificação, ao qual permaneceu fiel não apenas intermitentemente, mas constantemente, não apenas em algumas áreas, mas em todas, pensando não apenas em si mesmo, mas também nos irmãos e nos meninos com quem vivia, não nos limites de um ambiente exclusivamente cristão, mas em um contexto muçulmano, não em tempos de paz, mas em um período marcado por guerras e eventos trágicos. Por essas razões, ele encarnou um tipo de santidade salesiana sem precedentes na época, mesclando harmoniosamente a espiritualidade bizantina e "latina", a contemplação e a ação.

6) Em **27 de novembro de 1943**, desgastado pelo cansaço e pelas doenças, Simão encerrou sua vida terrena, que havia passado em serviço alegre e abnegado a Deus e aos outros. Sua fama de santidade cresceu com o passar dos anos; houve relatos de graças obtidas por sua intercessão. No clima do Concílio Vaticano II, as dimensões ecumênicas e leigas de seu testemunho vieram à tona, com ressonâncias no Oriente e no Ocidente. De 1964 a 1966 e de 1981 a 1983, processos diocesanos e apostólicos foram realizados em Jerusalém. Posteriormente, tendo a Congregação para as Causas dos Santos expressado um parecer positivo, em 2 de abril de 1993 o Papa João Paulo II autorizou o decreto sobre a heroicidade das virtudes, conferindo assim a Simão o título de Venerável e propondo-o à Igreja universal como modelo imitável e intercessor eficaz.

P. João Caputa, Vice-Postulador